UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES (ICHCA)
CURSO JORNALISMO

MÍRIAM SYLVIANNA RODRIGUES PIMENTEL

MÍDIA, PERFORMANCE E MISOGINIA: UMA ANÁLISE SOBRE A TRAJETÓRIA DA CANTORA LUÍSA SONZA

MACEIÓ
2025

MÍRIAM SYLVIANNA RODRIGUES PIMENTEL

MÍDIA, PERFORMANCE E MISOGINIA: UMA ANÁLISE SOBRE A TRAJETÓRIA DA CANTORA LUÍSA SONZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Victor de Almeida Nobre Pires.

Maceió/2025

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale – CRB4 - 661

P644m Pimentel, Míriam Sylvianna Rodrigues.
Mídia, performance e misoginia : uma análise sobre a trajetória da cantora Luísa Sonza / Míriam Sylvianna Rodrigues Pimentel. – 2025.
72 f . : il.

Orientador: Victor de Almeida Nobre Pires.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2025.

Bibliografia. F. 68-72.

1. Sonza, Luísa (Cantora Pop). 2. Performance. 3. Mídia. 4. Misoginia. I. Título

CDU: 070

À Maria Geralda,
Estrelinha que me guia da imensidão do universo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Maria Geralda (Dona Zeza), que em vida, lutou muito para que eu alcançasse um lugar ao sol através da educação de qualidade.

Às minhas irmãs, meu porto seguro: Marcia, por ser meu primeiro e maior exemplo de afeto, honestidade, força, dignidade e por me influenciar a gostar tanto de música; Mercia, por ser minha amiga, minha mentora, minha conselheira e meu maior exemplo de que os caminhos da educação e do conhecimento valem a pena.

Ao meu amor de uma vida inteira, Samara, pela paciência e companheirismo por tantos anos.

Aos meus melhores amigos Jonathan, Helloá, Swéle, Euris, Lorrany e Héllder. Meus irmãos de longa data com quem divido a dor e a delícia de ser quem sou.

À minha amiga Regiane, por todas as conversas, troca de ideias, pelo carinho e por sempre me incentivar a escrever e acreditar no meu potencial.

À minha segunda família: Cícera, Thiago e Lígia, por me acolherem e estarem sempre presentes em minha vida.

Aos meus amigos de trabalho: Rivaldo, Adriana, Quitéria e Irinéia, por me ajudarem a passar por essa fase, sempre compreensivos com minhas necessidades.

Aos amigos de curso, que tornaram minhas noites cansativas mais prazerosas, em especial aos queridos Gabriel, Edvan, Matheus, Bruna, Kely, Alberto, Lívia e Bruno.

E por fim, ao Prof. Dr. Victor Pires, por aceitar minhas ideias, por acreditar no meu trabalho e me impulsionar a melhorá-lo sempre mais, e por me receber tão bem no mundo dos estudos do jornalismo cultural.

“Mulheres têm a idade que merecem, homens serão sempre crianças.” (Rita Lee, 2016, p. 269).

RESUMO

Este trabalho analisa a trajetória da cantora brasileira Luísa Sonza sob a perspectiva dos conceitos de performance, compreendendo suas facetas desde o início da carreira até o álbum "Escândalo Íntimo", bem como apura a sua relação com a mídia hegemônica, levantando debates acerca da misoginia e papel da mulher na música, de modo a promover uma discussão sobre questões de gênero e como o público consumidor pondera tais questões. Essas podem ser encontradas ao observar as relações interpessoais de Luísa Sonza acompanhadas e julgadas publicamente em um percurso que vai de seus vídeos iniciais na plataforma Youtube, em meados de 2018, até seu documentário na plataforma de *streaming* Netflix, em 2023. A pesquisa é pautada primeiramente nos conceitos de performance acionados por Taylor (2013), Zumthor (2018), (Soares, 2023), Turner (2008) e Modzenski (2015), dentre outros, visando entender a transformação de cada fase da carreira de Sonza e suas motivações. Também são analisadas suas ações em resposta aos enquadramentos midiáticos aos quais foi inserida, mobilizando o debate sobre o *framing* na mídia ou enquadramento midiático (Gutmann, 2006), sobretudo nos imbricamentos da vida pessoal e profissional de Luísa. Também entra em debate o espaço de mulheres na música diante de um contexto histórico levantado por Lima e Sanches (2009) principalmente no Brasil, devido a esse papel ser majoritariamente ocupado pelo sexo masculino e não haver, sob a sua ótica, espaço para a mulher expor suas opiniões e desejos. Esse conceito é levantado com a finalidade de compreender o papel de Luísa Sonza como artista, diante de seus figurinos sensuais e a sua performance como um todo em um embate contra a misoginia, bem como a construção de arquétipos mais próximos da música brasileira de vanguarda.

Palavras-chave: Luísa Sonza; performance; mídia; misoginia; pop.

ABSTRACT

This work analyzes the trajectory of the Brazilian singer Luísa Sonza from the perspective of performance concepts, understanding her facets from the beginning of her career to the album "Scandal Íntimo", as well as investigating her relationship with the hegemonic media, raising debates about misogyny and the role of women in music, in order to promote a discussion about gender issues and how the consuming public ponders such issues. These can be found by observing Luísa Sonza's interpersonal relationships followed and publicly judged in a path that goes from her initial videos on the YouTube platform, in mid-2018, to her documentary on the Netflix streaming platform, in 2023. The research is primarily based on the concepts of performance triggered by Taylor (2013), Zumthor (2018), (Soares, 2023), Turner (2008) and Modzenski (2015), among others, aiming to understand the transformation of each phase of Sonza's career and her motivations. Her actions in response to the media framing to which she was inserted are also analyzed, mobilizing the debate on framing in the media or media framing (Gutmann, 2006), especially in the imbrications of Luísa's personal and professional life. The space of women in music also enters into the debate in the face of a historical context raised by Lima and Sanches (2009) mainly in Brazil, due to this role being mostly occupied by men and there is, from their point of view, no space for women to expose their opinions and desires. This concept is raised with the purpose of understanding Luísa Sonza's role as an artist, in the face of her sensual costumes and her performance as a whole in a clash against misogyny, as well as the construction of archetypes closer to Brazilian avant-garde music.

Keywords: Luísa Sonza; performance; media; misogyny; pop.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 − Capa de “Pandora”, álbum de Luísa Sonza e capa de “Dangerous”, álbum de Michael Jackson..... 18

Figura 2 − Luísa performando em seu canal no Youtube..... 20

Figura 3 − Título de manchete que referencia a cantora como “mulher de Whindersson Nunes”..... 23

Figura 4 − Assim como na figura acima, outros sites também reproduziram o modus operandi de referenciar a cantora como esposa do humorista..... 23

Figura 5 − Matéria do canal Papel Pop sobre a nova fase da cantora..... 24

Figura 6 − Frames dos videoclipes de “Boa Menina” e “Braba”, respectivamente..... 25

Figura 7 − Luísa rebate ataques em sua rede social onde é acusada de traição..... 26

Figura 8 − O perfil autor do ataque dedica seu login e nome a xingamentos contra os artistas Luísa Sonza e Vitão..... 27

Figura 9 − Comentário transfóbico divulgado por Luísa Sonza em seu Instagram..... 28

Figura 10 − Manifestações na plataforma X subindo a tag “LUÍSA MERECE RESPEITO”..... 28

Figura 11 − Título de matéria sobre Whindersson..... 29

Figura 12 − Ataques à cantora Luísa Sonza em suas redes sociais..... 30

Figura 13 − Comentários de usuários da plataforma Instagram no perfil de Luísa Sonza..... 30

Figura 14 − Luísa Sonza desabafa em suas redes sociais e Maria Lina é atacada..... 31

Figura 15 − Foto promocional de divulgação da música “2000 s2” inspirada em foto da cantora estadunidense Britney Spears..... 34

Figura 16 − A cantora Madonna nas fases Erotica (1992) e Bedtime Stories (1994), respectivamente..... 36

Figura 17 − Frames do videoclipe da música “INTERE$$EIRA”..... 37
Figura 18 − Frames do videoclipe da música “VIP *-*”..... 38
Figura 19 − Título de manchete que associa a canção “penhasco.” ao humorista Whindersson Nunes..... 39
Figura 20 − Imagem da última entrevista de Clarice Lispector e *take* do clipe de “penhasco.”, respectivamente..... 40
Figura 21 − Fã de Luísa Sonza identifica *easter egg* deixado pela cantora sobre o seu novo *single*, “Cachorrinhas”..... 42
Figura 22 − Luísa Sonza rebate afirmação de que não supera o ex, alegando que a música é sobre ela mesma..... 43
Figura 23 − Matéria da coluna Splash, no site Uol sobre a mudança de figurinos na turnê “Doce 22”..... 45
Figura 24 − Fala de Luísa Sonza sobre a motivação da mudança de seu figurino no mesmo site..... 46
Figura 25 − Declaração de Luísa Sonza sobre críticas acerca de sua apresentação no festival “Summer Pride” e comentários de usuários na rede social X (antigo Twitter)..... 47
Figura 26 − Visual adotado por Luísa Sonza para a era “Doce 22”..... 48
Figura 27 − Visual gótico camponês em show da nova turnê “Escândalo Íntimo”..... 50
Figura 28 − *Take* do clipe “Campo de Morango”, primeiro *single* do álbum “Escândalo Íntimo”..... 51
Figura 29 − Comentários de usuários da rede social X sobre o clipe..... 52
Figura 30 − Em seu perfil no X, Luísa pede que fãs ouçam célebres cantores nacionais a fim de conseguirem acompanhá-la intelectualmente..... 53
Figura 31 − Luísa Sonza se emociona ao ver que Rita Lee a mencionou em seu livro..... 54
Figura 32 − Debates na rede social X sobre a nova ocupação geracional na música brasileira..... 55
Figura 33 − Luísa emocionada ao vivo no programa Mais Você..... 56
Figura 34 − Vídeo da cantora e ex-bbb Maria sobre os casos os quais Luísa Sonza 57

esteve envolvida.....
Figura 35 − *Takes* do documentário onde Luísa Sonza comenta episódios conflitantes de sua vida e relata o caso de racismo cometido por ela, respectivamente..... 59
Figura 36 − Interpretações sobre “Escândalo Íntimo - O Filme” na plataforma Youtube..... 61
Figura 37 − Sonza “renascendo” em “Escândalo Íntimo - O Filme”..... 62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

RS	Rio Grande do Sul
EP	Extended Play
PI	Piauí
DM	Direct Message
IET	Inferência Espontânea de Traços
R&B	Rhythm and Blues
TV	Televisão
BBC	British Broadcasting Corporation
BBB	Big Brother Brasil
UOL	Universo Online

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	14
2	**ABRINDO A CAIXA DE PANDORA**.....	17
2.1	A performance como método de pesquisa sobre a vida e carreira de Luísa Sonza**.....**	19
2.2	A mudança de postura e os primeiros enfrentamentos com a misoginia**.....**	22
2.3	Rumores, cancelamentos e ataques pessoais: a caixa de pandora estava aberta**.....**	25
3	**AMARGO 22**	33
3.1	A Luísa da nova era: para ser a mulher do ano, ela achou melhor ficar sozinha.....	35
3.2	Repercussão da nova era e debates sobre a voz feminina na música.....	42
4	**UM ESCÂNDALO NADA ÍNTIMO**.....	48
4.1	De referências à críticas: Luísa Sonza e a construção do arquétipo intelectual**.....**	52
4.2	Traição, racismo e documentário: um folhetim em rede nacional**.....**	56
5	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**.....	65
	REFERÊNCIAS.....	68

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu, primeiramente, de um consumo exacerbado da produção de artistas voltados à cultura pop e da percepção sobre as narrativas divulgadas na mídia sobre esses artistas, sobretudo do sexo feminino. Em seguida, surgiu de um pré-projeto voltado para a análise de performances de mulheres no cenário pop mundial e a relação entre essas artistas e a mídia, de modo geral. A artista - e o tema - escolhidos partem de um afunilamento para melhor aprofundamento na vinculação entre performance, mídia e misoginia. No Brasil, a cantora gaúcha Luísa Sonza possui uma forte representatividade enquanto artista pop em maior evidência nas manchetes, seja pelo seu trabalho ou por polêmicas envolvendo sua vida pessoal. Conceitos relacionados aos estudos de performance e teorias que fazem parte dos estudos de comunicação, em suma, são utilizados para compreensão do fenômeno Luísa Sonza e a sua relação com o *show business*.

A análise parte de um estudo de caso, visando compreender quem é Luísa Sonza, como surgiu sua carreira e consolidação da mesma na música brasileira, trazendo os conceitos de suas performances que partem de concepções acionadas por Taylor (2003) e Zumthor (2018), Soares (2023), Turner (2008) e Modzenski (2015), dentre outros. Também são trazidos conceitos de Gutmann (2006) e Sibilia (2015) para entendimento do comportamento da artista e como suas ações são interpretadas do ponto de vista midiático. Também é levantado o debate sobre o espaço ocupado por Sonza dentro da música brasileira, bem como a maneira que é enquadrada pela mídia. Esta exerce papel fundamental no registro e divulgação da sua trajetória artística, mas também corroborou e ainda corrobora para a propagação de um discurso machista envolto à sua imagem, alimentando uma narrativa incisiva no que diz respeito ao julgamento de suas atitudes dentro e fora dos palcos. Vale lembrar que apesar da curta trajetória ainda em curso, Luísa Sonza carrega uma grande bagagem de coberturas midiáticas abusivas a respeito de sua vida pessoal e profissional.

As três seções deste trabalho estão correlacionadas aos três primeiros álbuns e suas respectivas fases da carreira de Luísa Sonza: “Pandora”, “Doce 22” e “Escândalo Íntimo”. Essas fases, denominadas como “eras”, serviram como base para o recurso metodológico da análise de conteúdo focada nas performances de Luísa Sonza, através de conceitos como o semblante midiático, definida por Soares (2023) como “compreensão dos enlaces entre vida e produtos midiáticos”, partindo do princípio de que a vida pessoal e profissional da cantora estão profundamente interligadas e com o objetivo de analisar os elementos de performance utilizados pela cantora em cada era, de acordo com as suas inspirações para cada momento.

A era “Pandora”, presente na segunda seção nomeada “Abrindo a caixa de pandora”, dá início aos estudos sobre Luísa Sonza e é marcada pela consolidação da cantora no pop brasileiro, bem como o enquadramento misógino da mídia para com a ela após ela se estabelecer como artista pop e *sex symbol*. Nele, são abordados os seus primeiros trabalhos desde vídeos na plataforma Youtube até a divulgação de seu primeiro álbum de estúdio, passando pela construção de sua persona midiática, seu relacionamento amoroso com o humorista Whindersson Nunes e os dramas enfrentados publicamente.

Na terceira seção, “Amargo 22” que adentra na era “Doce 22”, é abordado o semblante de uma Luísa mais sombria em seus trajes e discursos, carregando um momento de sua carreira pautado em suas vivências recentes vistas na seção anterior, como o rechaçamento público e os problemas psicológicos adquiridos através disso. Essa fase é marcada pela formação de um ícone da música pop brasileira com discursos que se interligam aos de celebridades que viveram dramas midiaticamente acompanhados como Britney Spears e Clarice Lispector, além de levantar discussões sobre a validação de seu trabalho no cenário da música.

A quarta seção, “Um escândalo nada íntimo”, tem como base a era “Escândalo Íntimo” e nela foram abordadas questões que reforçam as catástrofes públicas que Luísa está inserida desde a alavancada de sua carreira, dessa vez tendo ela mesma como voz ativa na eclosão desses desastres. São destaques dessa fase o fim publicamente divulgado de seu relacionamento com o *influencer* Chico Veiga e o caso de racismo no qual foi réu, acionando questões e opiniões acerca das ações de Sonza para manter o controle de novos rechaçamentos pela mídia. Também é trazida uma correlação de sua atuação na música brasileira com a de outros ícones da MPB, de modo a promover um debate em cima da possível continuação do legado destes por artistas da geração atual, como a própria Luísa Sonza.

Os elementos trazidos em cada seção proporcionam uma leitura da persona assumida pela cantora em suas fases da carreira e essa leitura, quando feita pela mídia e seu público, gera mobilizações, sobretudo cibernéticas. Estas mobilizações são compreendidas pelo fenômeno do capital especulativo, sendo ponto chave para a motivação de teorias, explicações e um acompanhamento, de modo geral, do receptor para com o interlocutor.

O princípio de como o capital especulativo acontece na carreira de Luísa Sonza é um dos pilares da análise de sua obra, principalmente quando debates acerca de sua competência como cantora e comentários sobre seu corpo são levantados em espaços na internet. Para melhor compreensão das transformações e ideações da cantora dentro de cada era, foi

incorporado inicialmente o processo da escuta conexa, visando correlacionar “música, estética, tecnologia e relações sociais” (Junior, 2021, p. 03). Dentro desse método, é observada também a dedicação dos receptores do trabalho de Luísa Sonza ao interpretarem e formularem sua própria lógica aos novos trabalhos da cantora e seus pronunciamentos, seja dentro ou fora dos palcos, o que leva a observação também da relação de Luísa Sonza para com a mídia hegemônica, alinhando esses elementos à “olhada sobre o real” (Polivanov et al., 2018, p. 66), ou seja, a correlação do resultado de seu trabalho à maturidade gradativamente alcançada pela artista, seja em suas composições, seja em seus vocais, ou como mulher.

2 ABRINDO A CAIXA DE PANDORA

Luísa Gerloff Sonza nasceu na cidade de Tuparendi (RS), em 1998. Iniciou o interesse musical quando era muito pequena - aos três anos de idade, mais precisamente - ao cantarolar pelos cantos da casa. Ao enxergar seu talento precoce, os pais decidiram inscrevê-la em festivais de música e em um deles foi convidada a fazer um teste para integrar a banda Sol Maior, grupo de sua cidade natal que cobria eventos como aniversários, casamentos e formaturas. Luísa entrou para a banda aos sete anos de idade e permaneceu até os dezessete anos, pois pensando em seu desgaste físico e em seu futuro, os pais decidiram retirá-la do grupo para que a garota se dedicasse apenas aos estudos.

Em meados de 2014 e com a ascensão da internet como principal meio de divulgação musical, Luísa criou um canal no Youtube usando o próprio nome para que pudesse gravar covers de músicas famosas. Não só isso, a cantora fazia versões próprias de outras canções, classificadas como "música-resposta". A plataforma Youtube, originalmente criada na Califórnia (EUA) no ano de 2005, chegou ao Brasil no ano de 2007 e neste ano em que Luísa passa a utilizá-la como fonte de divulgação do seu trabalho, era um momento de transformações para os inscritos. Usuários passaram a reagir aos vídeos publicados, assistir a outros vídeos relacionados automaticamente, participar de comunidades sobre um assunto específico, podendo compartilhar opiniões e dar *feedback* sobre o conteúdo assistido. Todas essas ferramentas de interação com os vídeos fizeram com que Luísa Sonza se destacasse entre os *youtubers* do momento, sendo conhecida como "Rainha dos *covers*".

Com um cenário simples e a cantora tocando violão, o repertório de Sonza incluía músicas como "Blackbird" da banda britânica The Beatles, "Trem-bala" da brasileira Ana Vilela e "Despacito" do cantor porto-riquenho Luis Fonsi. Esta última foi gravada em uma versão em português e possui mais de dez milhões de visualizações e quinhentos mil *likes*. Em 2017, a cantora assinou um contrato com a gravadora Universal Music Brasil e lançou um EP (*extended play*, formato de gravação composto por poucas músicas e que não chega a ser categorizado como álbum por este motivo) contendo trabalhos autorais como a canção "Olhos Castanhos", que possui mais de sessenta milhões de visualizações e novecentos mil *likes* no Youtube. Em junho de 2019 e às vésperas de seu aniversário de 21 anos, a mesma gravadora promoveria seu primeiro álbum de estúdio, Pandora (2019). Com uma capa um tanto rústica, inspirada no álbum "Dangerous" do cantor Michael Jackson, esta apresenta várias versões de uma mesma pessoa em desenhos.

Figura 1 - Capa de “Pandora”, álbum de Luísa Sonza e capa de “Dangerous”, álbum de Michael Jackson



Fonte: O Liberal, 2019.

Em entrevista ao site de notícias Popline em junho de 2019, Luísa explica que a motivação para a capa vem de seu desejo de mostrar a própria versatilidade: “A capa do álbum, feito por Kim, um artista de Recife, mostra que eu não sou uma coisa só [...] Isso se estende e remete muito ao tipo de música que tem no álbum, bem diverso” (Popline, 2019). O disco mostra uma Luísa pouco lapidada, o que é natural para um primeiro trabalho de estúdio, mas mostra o seguimento que a cantora - até então conhecida apenas pela voz e violão - pretende trilhar: a música pop.

Sonza já teria dado indícios de que seguiria por este caminho ao lançar o *single* “Boa menina” um ano antes, em 2018, quando mistura batidas de pop que lembram os anos 90 com funk carioca, além de lançar um clipe para essa música com diversas trocas de figurinos e coreografias, mas visualmente simples. Essa percepção pode ser concluída na faixa “Garupa”, segunda música do álbum “Pandora” e parceria com a *drag queen* Pabllo Vittar. A canção, que é uma mistura de pop, funk e reggaeton, possui um clipe repleto de dançarinos também, mas carrega o peso de uma colaboração com uma artista já reconhecida nacionalmente e produção audiovisual melhor elaborada, diferentemente de suas performances acústicas e videoclipes anteriores.

Em cobertura realizada pela Revista Quem sobre o lançamento do álbum e matéria publicada em junho de 2019 no site da revista, a cantora ressalta a importância sobretudo pessoal da realização desse trabalho: "Eu não me abria por nada, nem para a minha mãe e

marido. Senti que precisava me abrir. Foi neste dia que tudo começou a mudar em relação a Luísa artista e pessoa" (Quem, 2019).

2.1 A performance como método de pesquisa sobre a vida e carreira de Luísa Sonza

O ponto crucial para compreensão das transformações performáticas de Luísa Sonza é primeiramente apresentar o conceito de performance. Segundo Diana Taylor (2013), "a performance constitui o objeto/processo de análise nos estudos da performance, isto é, as muitas práticas e eventos - dança, teatro, ritual, comícios políticos, funerais [...]", tendo como premissa conhecer, compreender e interpretar ações, suas motivações e como seu destinatário recebe as ações a ele oferecidas. Este processo compreende lançar um olhar mais aguçado sobre corpos em evidência em um dado momento ou por um período mais extenso, buscando fazer uma leitura de contextos nos quais tais corpos estão inseridos, suas movimentações, falas e como, do ponto de vista comunicacional, reverberam através de impressões e conceitos elaborados pelo receptor, pois este último terá papel fundamental no decorrer dessa trajetória, quando estabelece elos e/ou críticas ao corpo observado.

Dito isto, se faz necessária uma análise da obra e vida de Luísa Sonza, do começo de sua trajetória ainda no canal Youtube até seu último álbum, Escândalo Íntimo, observando suas mudanças sonoras, imagéticas, discursivas e comportamentais, bem como o retorno da mídia e do público através do que eles captam dessas mudanças. Este procedimento de captura de elementos trazidos pelo ser performático está atrelado ao fenômeno de escuta conexa, onde o receptor passa a se dedicar ao material consumido, tornando automaticamente a "pensar os regimes de escuta como agenciamento entre música, estética, tecnologia e relações sociais" (Junior, 2021, p. 03). Sendo assim, faz-se um acompanhamento não só do produto sonoro do artista, mas de seus lançamentos audiovisuais ou quaisquer outros produtos que ele venha a oferecer, suas declarações através de suas próprias redes sociais ou veículos de imprensa, etc., estabelecendo uma relação de conexão entre o artista e público.

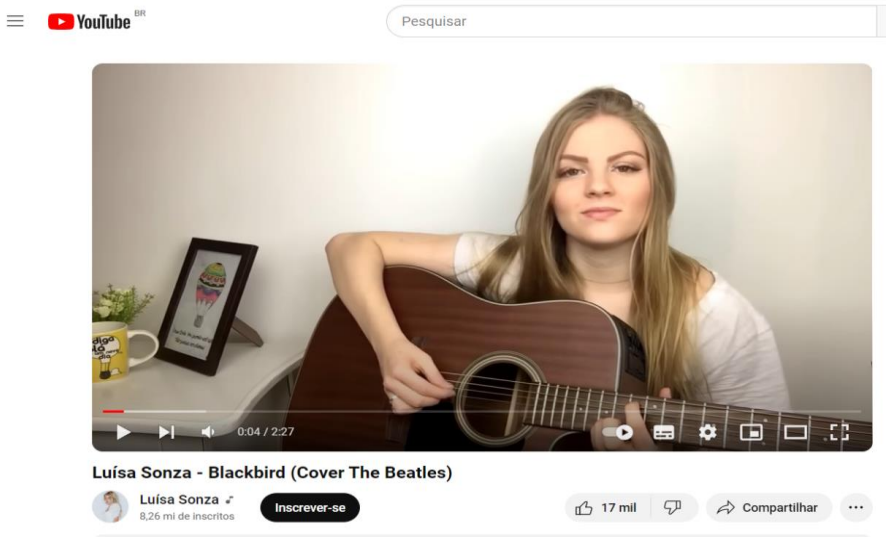
A partir do momento em que um corpo está performando algo (seja música, discurso político, teatro, dentre outros) e há um receptor buscando compreender e, consequentemente, pensar nos motivos e resultados daquela performance, este mecanismo se torna significativo dentro dos estudos de comunicação, pois está "refletindo a especificidade cultural e histórica existente tanto na encenação quanto na recepção" (Taylor, 2013, p. 27). Este conceito de Taylor implica, dentro desse contexto, examinar quem é Luísa Sonza, o que ela representa enquanto ser em evidência na mídia e como essa representação enquanto mulher, cantora,

compositora, ídola de uma geração e *sex symbol* reflete cultural e historicamente na sociedade. Trazendo outro viés de conceito elencado no primeiro capítulo do livro "Performance, Recepção, Leitura" de Paul Zumthor, o corpo performático nesses contextos "exige interpretação: elementos marginais, que se relacionam à linguagem e raramente codificados (o gesto, a entonação), ou situacionais, que se referem à enunciação (tempo, lugar, cenário)" (Zumthor, 2018, p, 75).

Como Luísa Sonza conversa com o público? Que mensagens suas letras de música e seus videoclipes pretendem passar? Que conceitos explicam as temáticas de seus álbuns? Por que ela modifica a forma de se apresentar após seu primeiro álbum? Como seus relacionamentos interpessoais repercutem midiaticamente? São questões que, ao longo do processo, percorrem um caminho interpretativo, pois quem performa, performa por algum motivo e para alguém e esse receptor da performance buscará compreender o que os elementos dessa performance querem comunicar. Portanto, para que se conclua uma análise de performance, é necessário analisar seus elementos constitutivos inicialmente através de peças fornecidas pelo ator (sujeito estudado).

De início, é notável que entre as apresentações acústicas na plataforma Youtube e as apresentações da "era Pandora" de Luísa Sonza, existe uma série de modificações sobretudo estéticas: seus vídeos, de início amadores, propunham um visual mais *clean*, cenários claros, sem muitos objetos em volta e a cantora com cabelos geralmente lisos, maquiagem suave e roupas mais despojadas, conhecidas popularmente como *oversized*.

Figura 2 - Luísa performando em seu canal no Youtube



Fonte: Youtube/Reprodução, 2016.

Essas características simbolizam um começo, uma identidade ainda não preenchida. Após o lançamento de seu primeiro álbum, é possível notar a cantora em cenários mais coloridos, com mais artefatos que promovem uma fotografia mais detalhada do seu material audiovisual, com roupas que mostram as curvas de seu corpo, maquiagem também marcante e cabelos com penteados mais trabalhados. Sua desenvoltura para a dança também é um ponto a ser observado dentro dessa composição, visto que "corpos performatizando em eventos funcionam como uma espécie de epistemologia que aciona o olhar em torno das ações incorporadas e as práticas culturais a elas associadas" (Polivanov et al., 2018, p. 72), logo, para o mercado musical pop, o qual ela estava se inserindo progressivamente, a dança e coreografia são características que acrescentam um peso a mais ao artista. As mudanças gradativas e notórias como a sua identificação com o estilo pop, sua dedicação em entregar um produto audiovisual mais sofisticado e o lançamento de seu primeiro álbum refletem transformações pelas quais a cantora estaria passando.

Segundo Polivanov et al. (2018, p. 66), "embora uma dança, um ritual e uma manifestação exijam uma separação ou um enquadramento que os diferenciem de outras práticas sociais à sua volta, isso não implica que a performance não seja uma olhada sobre o real". Logo, quando Luísa fala que está mais aberta enquanto mulher, filha e esposa, isso reflete em suas composições musicais e sua manifestação corporal através da dança. As composições, o talento vocal e a dança alavancados por um selo fonográfico de grande bagagem demonstram uma introdução da artista com elementos primordiais para este mercado.

A carreira de Luísa Sonza, imbricada com sua vida pessoal, oferecem possibilidades de análises que corroboram também para discursos sobre questões de gênero e enquadramento midiático (Gutmann, 2006), formando um debate sobre os espaços ocupados pela mulher dentro da música e os enfrentamentos que esta posição pode ter diante de uma mídia machista e misógina, bem como a sua atuação quando introduzida neste cenário.

Sua trajetória até então apresenta uma série de transformações corporais, gestuais e em sua arte que resultam em eventos nos quais sua participação foi ativa e enquadramentos nos quais foi inserida. Muitos desses eventos, pautados na recepção do público e da mídia sobre suas transformações, geraram um discurso de ódio propagado midiaticamente e marcado por situações onde a cantora é posicionada pela mídia como principal responsável por eles, reverberando em "uma semiótica selvagem, cuja eficácia (sobre as opiniões e condutas) provém mais da acumulação das interpretações do que de sua justeza intrínseca" (Zumthor, 2018, p. 72). Esse "olhar" público, ainda que perverso, sobre episódios em volta do artista

também faz parte da metodologia de compreensão das performances, pois está atrelado à interpretação individual.

2.2 A mudança de postura e os primeiros enfrentamentos com a misoginia

As relações pessoais de Luísa Sonza estão intrinsecamente ligadas com sua arte. Suas vivências afetuosas se tornaram, desde o começo de sua carreira, inspiração para roteiros de canções e clipes. A primeira faixa de seu primeiro álbum, intitulada "Eliane", é uma declaração de amor dedicada à sua mãe, por exemplo. Também dedicou a canção "Olhos Castanhos" para o *youtuber* e humorista Whindersson Nunes, com quem possuía um relacionamento amoroso que se tornou bastante popular nacionalmente. Natural da cidade de Palmeira do Piauí (PI), Nunes passou a produzir vídeos de comédia para o canal Youtube em meados de 2011, chegando a se tornar o canal com mais inscritos em 2016. Atualmente, o artista possui mais de 40 milhões de inscritos em seu canal. Ele também é cantor, compositor e lutador de boxe.

O relacionamento promoveu um enfoque midiático relevante para o casal, visto que se tratava de duas pessoas com a fama ascendente. Ambos gravavam vídeos para seus respectivos públicos e, em alguns momentos, um contava com a participação do outro, o que promovia uma mesclagem de público-alvo, já que Luísa tinha um conteúdo voltado exclusivamente para a música e Whindersson publicava vídeos humorísticos, apesar de também cantar e tocar instrumentos. É relevante pensar na simbolização dessas duas personas divergentes entre si diante do público, pois ambos constituem e representam pedaços distintos de seu país de origem e juntos promovem, naquele momento, o reflexo simbólico do que seria um casal jovem, feliz e cheio de planos para o futuro tanto em suas vidas juntos, quanto em suas carreiras.

Este é um enquadramento relevante para se acompanhar publicamente, pois "por serem personalidades reconhecidas, os artistas constroem performances midiáticas que transitam pelos espaços sociais e ambiências digitais, performatizando uma versão teatralizada de sua personalidade artística" (Dalla Vecchia, 2020, p. 201). Esta afirmação pode ser endossada pela viralização de vídeos publicados do casal em conjunto. Whindersson postou, em seu canal no Youtube, um vídeo onde pede Sonza em casamento e a repercussão foi imediata. Segundo o portal online Correio Braziliense em matéria publicada em 30 de março de 2017, em menos de 12 horas da publicação do vídeo, o mesmo já teria mais de três milhões de visualizações e novecentas e cinquenta curtidas.

Apesar da carreira em ascensão, Luísa era vista e associada por veículos midiáticos como esposa de alguém famoso. Em entrevista à apresentadora Sabrina Sato no programa "*The Walk Show*" disponibilizado em 22 de julho de 2019 no Youtube, a cantora é perguntada sobre quais rótulos que ela carrega atualmente e Luísa afirmou que o rótulo de "mulher do Whindersson" foi "a coisa que mais a incomodou na vida". Este rótulo, estabelecido através de títulos de matérias a seu respeito, representa o conceito de "*framing* da mídia, que se refere aos enfoques apresentados pelos veículos de comunicação para um determinado tema" (Gutmann, 2006, p. 30). Logo, veículos de mídia enviesados por estruturas machistas e misóginas, como neste caso, categorizam que tipo de reputação um determinado indivíduo terá através do modo como eles o apresentam. Em tese, nesse contexto, quanto mais a imagem de uma mulher for relacionada como esposa de alguém e não como profissional de determinada área, é esse tipo de reconhecimento que vai prevalecer sobre a figura dela.

Figura 3 - Título de manchete que referencia a cantora como "mulher de Whindersson Nunes"



Fonte: Uol, 2018.

Figura 4 - Assim como na figura acima, outros sites também reproduziram o modus operandi de referenciar a cantora como esposa do humorista



Fontes: TV Foco, 2019; Caras Digital, 2018.

No começo do ano de 2020, a cantora lança o single “Braba” e este ato pode ser considerado como um divisor de águas em sua carreira: a música alcançou o topo das plataformas de streaming e Sonza é elencada entre as dez mulheres mais ouvidas no Brasil, segundo o portal Papel Pop em matéria publicada no dia 18 de março de 2020. Segundo a própria Luísa, em entrevista dada ao mesmo veículo, a canção se apresenta como uma proposta totalmente diferente do que ela vinha mostrando: “A boa menina não é mais tão boa assim, entendeu? Ela é braba e não está nem aí pra coisa nenhuma mais” (Papel Pop, 2020).

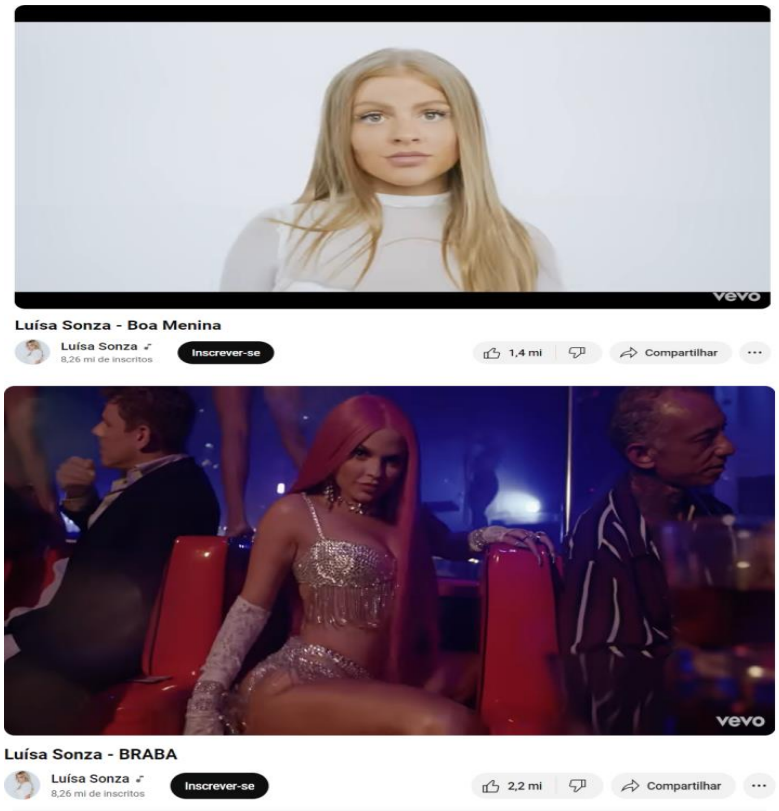
Figura 5 - Matéria do canal Papel Pop sobre a nova fase da cantora



Fonte: Papel Pop, 2020.

“Braba” surge como uma nova fase onde a cantora aposta em um funk/bregafunk com letra e clipe despudorados: “*Sei que todo mundo quer um pedacin'/É que a menina faz gostosin'/Não dá pra disfarçar/E tá no teu olhar/Se eu comecei, vou terminar/Então desce, esfrego na tua cara/ Que a menina é braba [...]”* (Luísa Sonza, “Braba”, 2020). O clipe dessa canção tem um roteiro pautado em uma mulher que tem como objetivo derrotar homens maus, fazendo justiça com as próprias mãos. Este conceito pode estar intrinsecamente associado ao desejo da própria cantora de lidar pessoalmente com as críticas machistas sobre a sua vida e seu trabalho. Também revela uma Luísa mais sensual, com roupas de stripper e fazendo jus às suas palavras, deixando de lado a “Boa Menina” que se mostrou no primeiro *single* onde o clipe possui um roteiro mais sereno e Sonza estava com um visual mais despretensioso e roupas longas.

Figura 6 - Frames dos videoclipes de “Boa Menina” e “Braba”, respectivamente



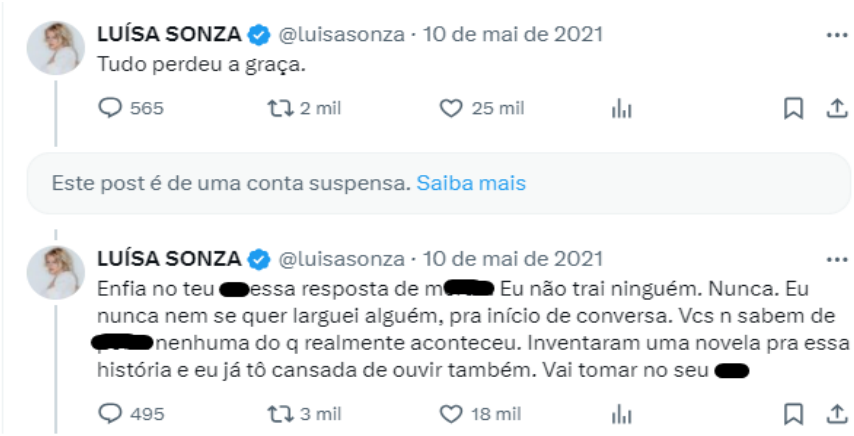
Fonte: Youtube/Reprodução, 2018 e 2020.

Essa mudança brusca em sua forma de se expressar leva o público a reconhecer outras formas de expressão da arte da cantora, uma vez que a mesma utiliza o próprio corpo e os mecanismos audiovisuais de forma mais engajada. De toda sorte, é inevitável a busca pelas motivações de tal manifestação, pois “esta ideia de avaliação em torno das competências corporais e cênicas dos indivíduos se espraia nos inúmeros usos da noção de performance: do campo dos negócios, passando pela política, esportes e tudo aquilo que envolve avaliação da relação expressiva do corpo com alguma competência” (Polivanov et al., 2018, p. 67). Com isso, a figura de Luísa Sonza passa a ser alvo de rumores, principalmente após seu casamento com o comediante Whindersson ter chegado ao fim há pouco tempo.

2.3 Rumores, cancelamentos e ataques pessoais: a caixa de pandora estava aberta

Após o surgimento da colaboração musical chamada “Flores” com o cantor Vitão, onde ambos protagonizam cenas sensuais em um clipe, este evento serviu para usuários da internet como justificativa sobre a mudança de comportamento da cantora: cria-se o boato de que Luísa Sonza teria traído o marido. O Portal R7, em matéria datada de 11 de maio de 2021 intitulada “De traição a ameaças: entenda a briga de Whindersson e Luisa Sonza”, explica que no dia anterior à sua publicação, Luísa recebeu *replys* na rede social X onde a acusavam de ter traído o marido com o cantor Vitão. A cantora chegou a responder um desses comentários que teve a conta suspensa após o ocorrido, gerando repercussão:

Figura 7 - Luísa rebate ataques em sua rede social onde é acusada de traição



Fonte: Portal R7/ X @luisasonza, 2021.

Segundo Sibilia (2015), ao se instalar sob os holofotes, o corpo do artista se transformou no principal alvo dos espectadores. Quando a autora se refere à “alvo”, implica dizer que a conduta do *performer* enquanto pessoa comum também ganha enfoque midiático para além de seu desempenho enquanto artista, logo, “suas ações cotidianas [...] têm se tornado subitamente determinantes para valorizar sua ‘obra’” (Sibilia, 2015, p. 361). Interligando aos fatos, o boato sobre a traição se expandiu e reverberou de forma bastante negativa no trabalho de Luísa Sonza, pois o público encontrou nela uma maneira de depreciar o trabalho da cantora. Segundo matéria publicada pelo site Metropoles em 15 de junho de 2020, o clipe em questão sofreu cerca de 3 milhões de *dislikes* na plataforma Youtube. Atitudes como essa, pautadas muitas vezes em suposições do público, são práticas comuns que impactam diretamente o artista com o intuito de levá-lo ao limbo.

> Estar-se-á diante do momento histórico nominado de ‘cultura do cancelamento’. Conceito que, nas mentes, mistura discurso de ódio, denúncia, boicote, julgamento da ilegitimidade, caça às bruxas, investigação das páginas escuras da história, apelo à substituição da visibilidade do dominante com o esquecido, desperta movimentos coletivos de libertação de discurso nas mídias sociais (Elias, 2023, p. 50-51).

Vale frisar que nenhuma evidência concreta da traição foi externada, seja pelas partes envolvidas, seja pela mídia, o que configura uma mera “ilustração da política moral que se inscreve nas práticas de linchamento e cancelamento de mulheres celebridades, sob o alicerce dispositivo de suplício midiático que possibilita as práticas discursivas de ódio” (Silva et al, 2021). Ainda que Whindersson Nunes se pronunciasse em defesa da ex-esposa, a motivação para o seu cancelamento e que prevaleceria por bastante tempo é justamente algo já mencionado anteriormente e que incomodava a cantora: sua associação como “propriedade” masculina. A representação da mulher cis, heterossexual, casada, vestindo poucas roupas, proclamando letras de músicas que traduzem sua liberdade e simulando cenas sensuais com outro homem produz uma forte ojeriza na sociedade patriarcal que mesmo passando por fortes mudanças, “concentrou em seu cerne as mesmas bases de superioridade e subordinação” (Barros, 2022, p. 04). Luísa Sonza estava recebendo, naquele momento, diversos ataques em suas redes sociais, associando suas práticas artísticas à ações que desonram sua vida privada. Ela mesma divulgou alguns *prints* desses ataques que recebia através de DM (*direct message*) em sua página na plataforma Instagram:

Figura 8 - O perfil autor do ataque dedica seu login e nome a xingamentos contra os artistas Luísa Sonza e Vitão



Fonte: Portal Popline/ Instagram @luisasonza, 2021.

Luísa também recebeu agressões a respeito de sua aparência física com base em comparações de mudanças de sua fase inicial na carreira com a fase atual. Um desses comentários, de cunho transfóbico, alega que ela fez procedimentos estéticos “pra se transformar em travesti” e foi divulgado pela cantora também em seu Instagram gerando indignação nas redes sociais.

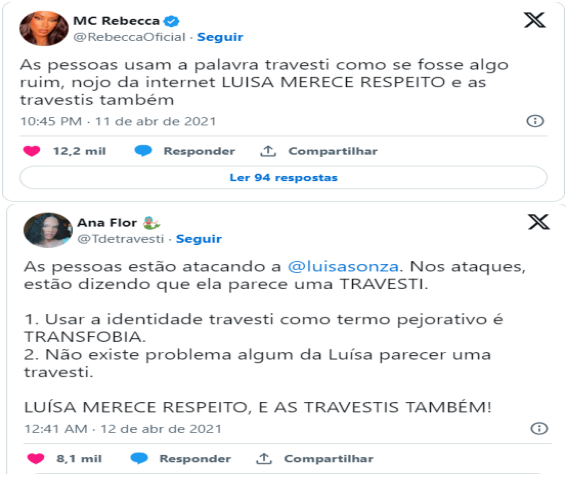
Figura 9 - Comentário transfóbico divulgado por Luísa Sonza em seu Instagram



Fonte: Portal Popline/ Instagram @luisasonza, 2021.

No dia 11 de abril de 2021, internautas fãs da cantora e celebridades subiram a tag “LUÍSA MERECE RESPEITO” na plataforma X (antes, Twitter), não só como forma de apoio à artista, mas como repugnação ao preconceito contra pessoas transsexuais e travestis:

Figura 10 - Manifestações na plataforma X subindo a tag “LUÍSA MERECE RESPEITO”



Fonte: Estadão, 2021.

Dentro desse contexto de assédios morais e ameaças que Luísa Sonza recebeu, um ponto a ser analisado sobre o tratamento da mídia para com Whindersson Nunes é que a sua imagem de homem traído foi mantida e alimentada pelos veículos de comunicação até os dias atuais.

Figura 11 - Título de matéria sobre Whindersson



Fonte: O Sul, 2023.

Ao ler a matéria, pode-se identificar uma rápida transcrição de falas do humorista em entrevista dada ao programa "Flow Podcast", onde ele explica que seu relacionamento foi incrível, mas que só Luísa era muito criticada e "virou o que virou depois que acabou". Segundo o humorista, esse era o motivo da sua raiva na época. Fazendo uma breve avaliação da chamada da matéria, a mesma gera, antes de sua leitura, uma opinião imediata no leitor: a de que o humorista é a única parte que padece do relacionamento. Para além disso, induz o leitor a ter a percepção de que Whindersson teve um término frustrante, o que ocasionou que ele sentisse raiva, seja da motivação do término ou da pessoa com a qual estava envolvido. A postura de Luísa Sonza em face a esses acontecimentos pode ser considerada um misto de tristeza e revolta. À época, a cantora usava constantemente suas redes sociais para expor desabafos a respeito de como era vista pela mídia.

Na plataforma X (antes, Twitter), ela declarou em uma de suas postagens: "'Oq' eu passo é pouco perto do que TODAS NÓS passamos. 'N' sou EU a vítima. Somos TODAS nós. Eu tô louca por isso [...]" (Sonza, 2020). Neste momento, a cantora já apresentava problemas de ansiedade e que tiveram agravamento com a série de ocorridos que estavam por vir. Luísa foi posta em uma posição, do ponto de vista teórico de Victor Turner (2008), chamada de "enquadramento midiático". O seu conceito pode ser dividido em quatro fases, sendo este momento da "era Pandora" a primeira fase, chamada de "ruptura ou fissura social" (Turner, 2008), caracterizada pela quebra de vínculos sobretudo afetivos de forma pública.

Seguindo uma ordem cronológica dos acontecimentos, Sonza passa a se relacionar amorosamente com o cantor Vitão, ao passo que Whindersson se relaciona com a empresária

Maria Lina, que engravida e perde o bebê devido a um parto prematuro. Apesar do motivo do falecimento da criança, internautas apontaram Luísa como a principal responsável pela perda do filho de Whindersson, vindo a atacá-la e até mesmo ameaçá-la de morte através de mensagens e áudios em suas redes sociais:

Figura 12 - Ataques à cantora Luísa Sonza em suas redes sociais



Fonte: Canal Cool Channel/Reprodução Youtube, 2021.

Figura 13 - Comentários de usuários da plataforma Instagram no perfil de Luísa Sonza



Fonte: Revista Vogue/Reprodução Instagram, 2021.

Esta conduta do público trata-se de uma tentativa de imputar moralidade baseada no que ele acredita que seja o correto para que a sociedade funcione, se distanciando de motivações reais e palpáveis e trazendo um discurso odiento pessoalmente a um indivíduo. Este ato pode ser considerado o que o psicólogo David Myers (2014) chama de "Inferência Espontânea de Traços (IET)", que trata de "atribuir traços ao caráter e à personalidade do outro após acompanhar um comportamento do mesmo" (Rozendo et al, 2023, p. 06). Ou seja, para a mídia, Sonza deveria ser rechaçada publicamente e quiçá, perder a vida com base em uma suposta traição e suposta provocação de uma morte não comprovadas e esse apontamento inicia quando em sua carreira, ela começa a ousar mais, seja na forma de se apresentar, de se vestir e nas letras de suas canções.

Com isso, Luísa Sonza passa, mais uma vez, por um período de linchamento virtual. A cantora publicou um vídeo chorando em seu instagram onde pedia para que os ataques à sua pessoa fossem cessados, mas apagou o conteúdo em seguida, o que gerou mais comentários negativos acerca de sua auto exposição. A mãe que perdeu o bebê, Maria Lina, também sofreu ataques em suas redes sociais onde os usuários alegaram que ela "só queria fama" ao se relacionar com o humorista.

Figura 14 - Luísa Sonza desabafa em suas redes sociais e Maria Lina é atacada



Fonte: Marie Claire / Reprodução Instagram, 2021.

Pode-se compreender, nesta situação, um padrão específico de agressão e de vítima, perpetuando a ideologia da misoginia. Luísa Sonza teve que ser afastada da internet pela sua equipe e família, sendo diagnosticada com depressão. A cantora ainda chegou a compartilhar em sua conta no Twitter que ao ver os comentários de terceiros a respeito de si mesma, tinha a "imediata vontade de morrer" (Sonza, 2021).

Os eventos que rodeavam naquele momento a performer Luísa Sonza, resumidamente pautados em linchamento virtual e ameaças de morte a nível nacional categorizam a segunda fase do conceito de enquadramento midiático elencado por Turner (2008) e que a mesma foi inserida: a crise crescente. Essa fase compreende um momento de crise pelo qual o indivíduo está transitando, onde "há um público ponto liminar entre a fase anterior de ruptura e a fase posterior do processo dramático-social, no qual a contenção da crise social imposta não é mais possível" (Dalla Vecchia, 2020, p. 215). Como característica dessa crise, Sonza foi exposta para todo o Brasil como a "ex-mulher interesseira" de Whindersson Nunes, que o traiu e atrapalhou suas futuras relações, fazendo até com que a gravidez de sua namorada fosse abreviada e não deixando a figura masculina seguir em frente.

Esses julgamentos sociais requerem um preparo psicológico para enfrentá-los, principalmente quando se é uma figura pública, pois essa quantidade de críticas tende a redobrar. Luísa indicava não ter esse preparo, então a angústia sobre o futuro de sua carreira e sua vida pessoal (profundamente interligados) culminaram em seu diagnóstico depressivo. O afastamento de Sonza das redes sociais comandado pela sua equipe e familiares fez com que a artista retornasse posteriormente à evidência na mídia com uma nova proposta, conceito e produto. Esse material seria baseado majoritariamente em suas últimas vivências que serviram de inspiração para o surgimento de uma nova era. Estava chegando o álbum "Doce 22".

3 AMARGO 22

Após a sua entrada para o *show business* e os êxitos obtidos com lançamento de seu primeiro álbum de estúdio, "Pandora" (mais de 250 milhões de *streamings* em plataformas e mais de 150 milhões de visualizações em videoclipes, segundo apuração publicada pelo Portal Popline em 14 de junho de 2020), a cantora Luísa Sonza passou a lidar expressamente com a dualidade do sucesso e fama. Suas performances e sua vida pessoal passam a ser "objeto de análise" (Taylor, 2013) de forma acentuada pelo público e pela mídia, pois Luísa alcançava um significativo sucesso ao passo em que mantinha uma relação amorosa com uma pessoa famosa (o humorista Whindersson Nunes).

Dentro dos estudos de performance, as vertentes que contemplam a vida pessoal e profissional de um artista podem calhar muitas vezes como uma completude uma da outra, devido às análises performáticas tratarem-se de considerar como foco de estudo "tudo aquilo que envolve avaliação da relação expressiva do corpo com alguma competência" (Amaral; Soares; Polivanov, 2018, p. 67). Esta afirmação pode ser constatada pelo realçamento dado ao seu trabalho e suas relações pessoais no ambiente midiático, já que o ponto chave da compreensão desses cenários está no "reconhecimento da potência cênica de alguns episódios e a maneira com que artistas agem nele" (Soares, 2023, p. 107). Partindo desse princípio, a sua transformação de cantora despojada no canal Youtube à ícone da cultura pop brasileira e o seu romance com Nunes, passando por entraves com a misoginia e machismo dentro desses respectivos contextos, acionam a atenção dos veículos de notícias e do público para o que Sonza tem a expressar.

Ao passo em que representa mais uma voz feminina no pop da geração atual ao lado de Anitta, Ludmilla e outras cantoras destacadas na mídia e também se tornando *sex symbol* dessa mesma geração, Sonza passa a ser classificada midiaticamente como "esposa de alguém famoso" e, mais tarde, vista como a pessoa interesseira e infiel desse relacionamento, independente de seus avanços e conquistas. Esse processo, chamado por Gutmann (2006) de "*framing*" e que ocorre devido ao poder da mídia em categorizar um *performer* de acordo com o enviesamento machista que o atravessa, fez Luísa ser apontada massivamente como a pessoa que traiu o marido e tinha interesses por trás de seu relacionamento com ele, bem como induziu o público a nutrir o machismo e misoginia comumente atribuídos às artistas do sexo feminino.

Este enquadramento o qual Luísa foi inserida, assim como as ofensas e ameaças proferidas a ela deliberadamente, trouxeram as consequências psicológicas necessárias para

que a cantora se afastasse das redes sociais, tornando a lidar com a depressão, ansiedade e pânico. Esse afastamento foi o ponto crucial para que seu próximo álbum fosse criado com base nessas experiências negativas e traumáticas recentemente vividas.

O segundo álbum de Luísa Sonza foi lançado em 18 de julho de 2021, data em que a cantora completou 23 anos. Intitulado “Doce 22”, o disco é composto por 14 canções que flertam com diversos estilos musicais como o pop (“2000 s2”), R&B (“melhor sozinha :-)-:”), blues (“também não sei de nada :d”), funk (“CAFÉ DA MANHÃ ;P”) e reggaeton (“ANACONDA *o* ~~~”). Uma característica importante para dar início à compreensão do conceito do álbum é que as músicas são nomeadas de uma maneira um tanto informal, comparada às nomeações tradicionais: algumas iniciadas com nomes minúsculos como “o conto dos dois mundos (hipocrisia)” e “penhasco.” e algumas possuem *emoticons* (símbolos criados com caracteres tipográficos a fim de esboçar emoções através da comunicação no ambiente cibernético) como “fugitivos :)” e “VIP *-*”.

O uso dos *emoticons* remete à maneira de se comunicar pela internet nos anos 2000, década em que a cantora cresceu e homenageia em diversas vertentes do álbum, principalmente através da música intitulada “2000 s2”. Esta canção traz batidas de hip-hop e pop muito usadas por grupos e cantores da época e tem referências visuais diretas de artistas pop que representam a musicalidade em alta nesta década, como a foto a seguir:

Figura 15 - Foto promocional de divulgação da música “2000 s2” inspirada em foto da cantora estadunidense Britney Spears



Fonte: Papel Pop, 2021.

Para além da homenagem às influências culturais que a cantora teve ao longo de seus vinte e dois anos, o álbum explora a época onde começou a lidar intensamente com os bônus e percalços da fama. Em entrevista concedida à Revista Rolling Stone Brasil, datada de 27 de outubro de 2021, a cantora relatou: "Pela primeira vez, estava me expondo por mim mesma e não pelos outros [...] Talvez, era a primeira vez da Luísa sendo exposta, porque foi tudo muito deturpado desde o começo da minha carreira" (Rolling Stone Brasil, 2021). Diante do desejo de ter o controle da narrativa sobre a sua própria história, Sonza buscou apresentar um produto que traduzisse, através de letras de suas músicas e seus videoclipes, sua opinião sobre o tratamento da mídia para com a sua existência enquanto mulher e cantora pop, seus anseios e mostrar a sua personalidade e influências.

3.1 A Luísa da nova era: para ser a mulher do ano, ela achou melhor ficar sozinha

Na música pop, é muito comum que artistas - principalmente do sexo feminino - apresentem novos contextos visuais e sonoros a cada trabalho lançado. Esses cenários, que são popularmente chamados de "era", oferecem uma junção de conceitos como um novo sentimento, postura, forma de se vestir, letras de músicas, fotografia de seus videoclipes, dentre outras características que juntas, contribuem para que o público receba o significado do que o artista está transmitindo naquele momento de sua carreira.

Uma nova era significa uma nova composição artística e dentro dos estudos de comunicação e performance, essa conjuntura atualmente trabalhada pelo artista é categorizada como "semblante midiático". Este termo foi proposto por Andrew Goodwin (1992) a fim de denotar a persona que o artista está apresentando ao público consumidor através de diversas características marcantes como comportamento, visual e forma de se comunicar em seu novo projeto. Para Soares (2023), este conceito engloba "o argumento de que um álbum fonográfico seria a tradução de um senso de personalidade de um artista musical".

É importante ressaltar que um *performer*, dentro da música pop, apresentará diversas nuances no decorrer de sua trajetória. Muitos deles vivenciam inovações sonoras, como também podem mostrar mudanças - radicais, ou nem tanto - em sua vida e que influenciam e contribuem diretamente em sua forma de se apresentar ao público. Isso implica dizer que o artista pop, por assim dizer, sempre terá uma carreira não linear, visto que "ela (a performance) deve ser entendida também a partir de suas rasuras, de suas rupturas, uma vez que o fluxo da vida é marcado pelas incongruências e correntezas imprevisíveis" (Amaral; Soares; Polivanov, 2018, p. 75). Portanto, estas "não linearidades" serão sempre um ponto de

partida para novos semblantes midiáticos. A partir deste ponto, o semblante midiático serve para nortear as análises das estruturas que compõem uma nova representação artística, desde sua motivação, passando pelos elementos visuais e sonoros até o significado de sua simbologia refletida na sociedade.

Um exemplo significativo de mudança de eras na história da música pop e que pode simbolizar semblantes midiáticos distintos representados pelo mesmo artista é o da cantora Madonna em seus álbuns “Erotica”, de 1992, e “Bedtime Stories”, de 1994. Este último é reconhecido pela suavidade adotada pela cantora após o lançamento do álbum antecessor. Em “Erotica”, Madonna abusou de cores mais fortes, roupas escuras e no que diz respeito ao tema, abordou o sexo e o romance do ponto de vista feminino de forma livre e espontânea, reforçando essa persona no livro “Sex”, também lançado à época e que contém ensaios fotográficos da cantora despida, praticando fetiches e batendo de frente com o conservadorismo. Já em “Bedtime Stories”, ela adota uma paleta de cores mais suaves, seja na capa do disco ou na fotografia de seus videoclipes, além de uma postura mais intimista, distanciando-se de polêmicas e de trabalhos mais comerciais, mas ironizando a forma como seu álbum anterior repercutiu nos ouvidos reacionários, como no trecho da canção “Human Nature”, onde ela exclama: “Ops, eu não sabia que eu não podia falar sobre sexo” (Madonna, 1994, tradução própria).

Figura 16 - A cantora Madonna nas fases Erotica (1992) e Bedtime Stories (1994), respectivamente



Fonte: Papel Pop, 2017 e Cine Pop, 2020.

A nova era de Luísa Sonza pode iniciar uma análise dentro dos estudos de semblante midiático quando ela expõe a si mesma à sua maneira em “Doce 22”, corroborando para que uma determinado conceito de imagem da cantora seja fixado na mente do público através de seu produto exibido midiaticamente. Que imagem seria essa? Inicialmente, a cantora adota um novo estilo de se vestir e se maquiar, abusando de cores mais fortes, por diversas vezes

escuras e deixando para trás o semblante límpido adotado em seus primeiros vídeos no Youtube e no primeiro álbum de sua carreira. Essa maneira de se expressar fundamenta um momento introspectivo da artista após afastamento das redes sociais devido às ameaças e linchamentos virtuais que vinha recebendo, conforme afirma em fala extraída da coletiva de lançamento do álbum "Doce 22" e publicada pelo site de notícias Uol em 19 de julho de 2021: "Estou lidando com a minha depressão, com o meu pânico, com a minha ansiedade... Mas eles existem. Eles não sumiram e não vão sumir de uma hora para outra…" (Uol, 2021).

O primeiro *single* trabalhado pela cantora foi "INTERE$$EIRA", canção que relata como Luísa se sente ao ser retratada pela mídia como uma mulher "sem talento, sem graça, forçada" (Sonza, 2021). O *lyric video* (clipe legendado com a letra da música) se passa em um ambiente escuro que simula uma sala de interrogatório, onde a cantora aparece sentada assinando um documento de detenção indicando que seu delito é ser "puta, vagabunda e intere$$eira" (Sonza, 2021), versos que, inclusive, abrem diretamente o disco e no clipe, trazem um significado de que este seria o crime pelo qual ela é linchada e ameaçada de morte pela mídia.

Figura 17 - Frames do videoclipe da música "INTERE$$EIRA"



Fonte: Youtube/Reprodução, 2021.

Outro videoclipe que merece destaque é o da canção "VIP *-*". Nele, Sonza adentra em um escritório repleto de homens engravatados completamente à vontade, lendo revistas e

com suas mesas bagunçadas, até que a cantora chega e causa medo em todos eles que começam a arrumar e limpar tudo. Luísa caminha entre eles até uma mesa central localizada em uma sala *vip* e se acomoda nela com diversas mulheres de várias etnias ao seu redor, passando uma mensagem de empoderamento feminino e que junto à Sonza, mulheres também têm espaço para comandar aquela "empresa".

No mesmo clipe, outro *take* chama a atenção: Luísa está sentada no sofá de casa, assistindo a uma matéria de jornal televisivo onde lê-se o enunciado: "Luísa Sonza (mais uma vez) passa do ponto em novo clipe", a cantora imediatamente muda de canal e sintoniza onde está passando o seu clipe. Esta cena indica uma resposta da cantora aos últimos episódios de sua vida, onde se sentiu atacada pelos veículos de comunicação, ignorando-os e dando ibope à sua arte.

Figura 18 - Frames do videoclipe da música "VIP *-*"

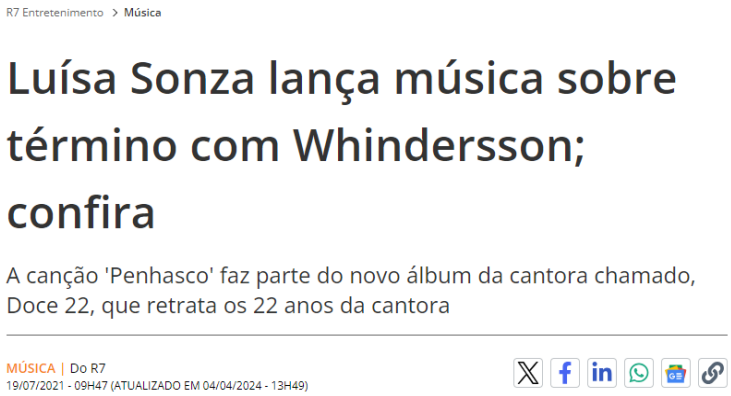


Fonte: Youtube/Reprodução, 2021.

Dando continuidade à sua narrativa, o lançamento de uma canção chamada "penhasco." surge como uma história contada pela cantora de forma metafórica sobre um relacionamento que não deu certo. Ao cantar os versos "quando segurei sua mão, você soltou a minha e ainda me empurrou do penhasco" (Sonza, 2021), a artista faz alusão a um abandono, desconsideração e sofrimento vividos. Analisando a conjuntura, após um término

de relacionamento conturbado com o humorista Whindersson Nunes, onde a cantora foi inserida pela mídia em uma posição de provocadora dessa ruptura através de uma traição, esta canção sugere que Sonza busca se pronunciar sobre como se sentiu, da posição de atuante principal da referida história, ainda que não deixe explícito. Apesar de retratar sua versão sobre suas vivências traumáticas em um ato exorcizante por assim dizer, Sonza estava em outra relação afetiva, embora esta canção tenha deixado subentendido para a mídia hegemônica de que se tratava de um desabafo sobre seu relacionamento com o ex-marido.

Figura 19 - Título de manchete que associa a canção "penhasco." ao humorista Whindersson Nunes


R7 Entretenimento > Música

Luísa Sonza lança música sobre término com Whindersson; confira

A canção 'Penhasco' faz parte do novo álbum da cantora chamado, Doce 22, que retrata os 22 anos da cantora

MÚSICA | Do R7
19/07/2021 - 09H47 (ATUALIZADO EM 04/04/2024 - 13H49)

Fonte: Portal R7, 2021.

No *lyric video* dessa canção, Luísa assume um semblante cabisbaixo e encena uma pessoa ansiosa e preocupada, fumando vários cigarros sentada em uma cadeira e esperando ser entrevistada por algum veículo de imprensa, fazendo uma analogia com a última entrevista de Clarice Lispector para a TV Cultura, em 1977. A referência de artistas pop a personalidades marcantes de outras gerações é bastante corriqueira: a cantora Pabllo Vittar, por exemplo, faz uso contínuo de referenciação a influências que contribuíram para a sua formação artística seja em seu álbum "Batidão Tropical", onde faz versões de músicas do cenário brega, forró e tecnobrega que marcaram o começo dos 2000 nas regiões Norte e Nordeste ou em eventos como o "Halloween da Pabllo" e Carnaval, onde se fantasiou de divas pop como Selena Quintanilla e Anahí, respectivamente.

No caso de Luísa Sonza, as referências escolhidas para compor o semblante do "Doce 22" têm traços característicos bastante similares à persona assumida pela cantora nesta era: mulheres com personalidades fortes e ao mesmo tempo intimistas, não compreendidas pela sua natureza à época de sua atuação e com bastante impacto em seus respectivos segmentos

artísticos, como Britney Spears (vide a referência fotográfica no início da seção) e a própria Clarice Lispector, conforme imagens a seguir:

Figura 20 - Imagem da última entrevista de Clarice Lispector e *take* do clipe de "penhasco.", respectivamente



Fonte: Youtube/Reprodução, 2012 e 2021.

Nesta entrevista, Lispector expõe suas fragilidades a partir de seu jeito característico: tímido, preocupado e sério. O jornal El País, em matéria datada de 10 de dezembro de 2018, a caracteriza como "não normal em nada que fazia e sim, uma artista genial" (El País, 2018). Clarice era uma escritora que falava sobre amor e reflexões cotidianas, tinha tendências depressivas e a mente bastante inquieta, focada na criação. Dada a complexidade de suas últimas experiências, sejam elas no campo pessoal ou profissional, a escolha por interpretar Clarice em seu clipe corrobora para a construção do semblante apático e sombrio de Luísa Sonza que marca a era "Doce 22".

A partir desses exemplos de conceitos os quais a cantora abordou em seu novo álbum, é possível perceber que Sonza reforça, especialmente no videoclipe de "penhasco.", o que Soares (2023) chama de "territorialidades dramáticas": depressão, rechaçamento pela mídia e relacionamento amoroso conturbado retratados com base em sua própria vida. Para Soares, há o entendimento de que a performatização dentro desses âmbitos permite ao artista desenvolver uma comunicação que atrai a população, de forma a convidá-la para investigar o que o *performer* está querendo comunicar. Essa investigação é comumente iniciada tanto pelo

público, quanto pelos veículos de imprensa, compreendendo o fenômeno chamado de capital especulativo.

Este fenômeno acontece constantemente na esfera da música pop, principalmente se tratando da pluralidade de semblantes que os artistas desse segmento assumem no decorrer de sua trajetória. O *performer* do cenário pop trabalha constantemente com a ambiguidade de seus discursos, trazendo elementos que fomentam sua própria retórica construída e que servem para que o público cativo deste tipo de arte automaticamente busque entender e interligar as inspirações que culminaram naquela obra ou por que ele está agindo daquela maneira, partindo do ponto de que "tais ações são feitas 'para alguém', para um 'outro' visível ou invisível, uma 'audiência imaginada' ou 'público intencionado'" (Soares, 2023, p. 108).

O *performer* tem "a capacidade de gerar dimensões fabulares e especulativas em torno de episódios de suas vidas (incluindo aí a sua obra)" (Soares, 2023, p. 102) e, de certa forma, o capital especulativo traz visibilidade que pode ou não ser proposital para o artista, vide a própria Britney Spears que ocasionou diversas especulações sobre a sua vida quando em 2007, raspou a própria cabeça e, imediatamente, foi flagrada neste ato, gerando conteúdo para os veículos de imprensa. A página de notícias BBC Brasil publicou em 19 de fevereiro de 2007 a notícia de que tal atitude de Britney fazia parte de uma "série de excentricidades da cantora", dada a conjuntura de seus recentes flagras em festas, internações em clínicas e problemas de ordem familiar.

Dezesseis anos após o ocorrido, em sua autobiografia lançada em 2023 intitulada "A Mulher em Mim", Britney esclarece que a mudança de visual foi uma forma de se manifestar sobre a tristeza que estava sentindo ao ser proibida de estar com seus filhos e às cobranças e comentários sobre seu corpo e a constante sexualização deste no decorrer de sua carreira: "Raspar a cabeça foi uma maneira de dizer para o mundo: 'vocês querem que eu seja linda para vocês? Foda-se.'" (Spears, 2023, p. 156). Embora Britney tenha finalmente expressado seu real desejo, esta ação espontânea, ou melhor, aparição com um novo visual se tornou um dos atos mais marcantes de sua carreira.

Vale lembrar que assim como Spears, Sonza recebeu comentários e cobranças sobre o seu corpo, especialmente após as mudanças identificadas após seu primeiro álbum, onde adotou maquiagens mais concentradas e roupas mais escuras, deixando de lado o seu visual *clean* do começo da carreira (conforme visto na segunda seção). Os fãs de Sonza, e também os haters, estão sempre atentos às suas manifestações, sejam de cunho pessoal ou artístico. Uma característica sempre trabalhada por Luísa e que alimenta o processo do capital especulativo é a publicação de *easter eggs* (mensagens subliminares do artista que sinalizam

uma próxima novidade em sua carreira) e este método estimula que o público busque decifrar quais serão os futuros trabalhos da cantora através de análise de imagens, trechos de canções, roupas utilizadas em eventos, discursos e demais elementos que possam fomentar a especulação.

Figura 21 - Fã de Luísa Sonza identifica *easter egg* deixado pela cantora sobre o seu novo *single*, "Cachorrinhas"



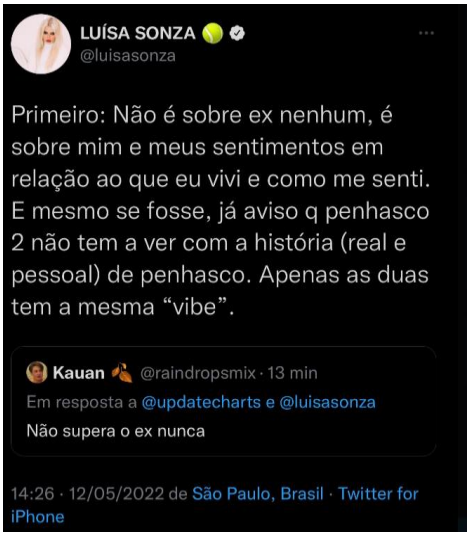
Fonte: Portal Pop Line, 2022.

Na figura acima, é feita uma constatação de que imagens divulgadas por Luísa com seus pets se tratavam de uma mensagem subliminar sobre a estreia da música "Cachorrinhas", lançada uma semana depois da postagem.

3.2 Repercussão da nova era e debates sobre a voz feminina na música

Segundo apuração realizada pela Folha de Pernambuco em 14 de agosto de 2023, o álbum "Doce 22" obteve mais de cinco milhões de reproduções só nas últimas 24 horas de seu lançamento, o que significa um grande triunfo para o que Luísa pretendia naquele primeiro momento: que ouvissem a sua versão dos fatos sobre a sua própria vida. Embora ela tenha tido este êxito e que a era "Doce 22" tenha surgido como ponto de partida para Sonza retornar ao *show business*, a cantora ainda enfrentaria alguns dos mesmos problemas de antes. A reação de cada ouvinte acarreta elogios, mas também críticas como a imagem a seguir, publicada pela própria cantora em sua conta na plataforma X:

Figura 22 - Luísa Sonza rebate afirmação de que não supera o ex, alegando que a música é sobre ela mesma



Fonte: Uol/ X @luisasonza, 2022.

É importante analisar este *tweet* devido às diversas camadas de significados que ele se propõe a passar: Primeiramente, o usuário em questão está respondendo a uma publicação sobre a cantora em um espaço dentro da plataforma X conhecido popularmente como "fórum", local onde internautas discutem sobre a indústria cultural expondo suas opiniões livremente, muitas vezes de maneira sucinta (como o caso em questão), outras vezes de maneira mais elaborada, também podendo ter um cunho agressivo, preconceituoso, pacífico ou irônico, dentre outras características. São esses fóruns e outros similares no ambiente *online* que, dedicados a argumentar sobre arte e entretenimento, se tornam um espaço de importantes debates, mas também de propagação de discursos de ódio impulsionados pelo "suplício midiático" (Silva Junior; Silva, 2021).

Fazendo uma alusão ao que Foucault (2009) analisa como método punitivo na vivência em sociedade, que é a demonstração de poder através do linchamento urbano, o termo suplício midiático busca tratar o linchamento virtual como uma forma de punir alguém para que se mostre poder no ambiente cibernético. O fenômeno aborda que dentro de espaços como os fóruns de internet, existe uma espécie de necessidade de defesa dos usuários em cima de sujeitos de alta visibilidade na mídia (em sua maioria), caracterizados como "inimigo, consciente ou inconsciente, sobre o qual se debruçam os discursos odiosos, marcados por um empreendimento moral que o caracteriza" (Silva Junior; Silva, 2021, p. 10). Os autores

explicam que historicamente o alvo mais suscetível a esse tipo de violência é a mulher, desde Maria Madalena à própria Luísa Sonza:

> Conforme define Scott (1995, p. 86), '[...] o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder', por isso a simetria entre o feminino e masculino. Enquanto Whindersson passa a ser acolhido pela multidão enraivecida, Luísa torna-se alvo imediato, tendo não só sua condição feminina rechaçada, mas também seu trabalho (Silva Junior; Silva, 2021, p. 11).

É importante lembrar que é muito comum que artistas também participem dessas discussões, visto que muitas vezes suas contas são marcadas em publicações sobre eles mesmos, logo são notificados sobre a existência daquele debate. Conforme mostrado na imagem acima, Sonza foi mencionada e acabou participando dessa conversa respondendo a esse mesmo usuário que alega que ao criar a música "penhasco.", a cantora não esquece seu ex (o humorista Whindersson). A cantora explica que a canção é sobre ela mesma e seus sentimentos, reafirmando seu discurso anterior de que a proposta do álbum é expor a si mesma. Luísa reforça uma tentativa de autenticidade com essa declaração, já que segundo ela, sua música não quer dizer aquilo que o ouvinte interpretou, mas sim outra coisa legitimamente sua.

O autor Leonardo Mozdzenski (2016) defende que quando consideramos que alguma coisa é autêntica, é porque ela é tida como "genuína", porém neste caso, ainda que Sonza dê uma resposta que abra uma discussão coerente com os conceitos primários do disco, este ato faz mais parte da convocação da sua "vida comum para que ela performe em cena" (Sibilia, 2015, p. 355) do que uma amostra de autenticidade, pois desta forma, a cantora interage com o público receptor trazendo à tona aquela persona criada para o semblante midiático do álbum criada após suas experiências pessoais traumáticas.

Segundo Mozdzenski (2016), a autenticidade é performativa e através da performance e todas as nuances instáveis que ela apresenta é que esta construção do autêntico pode ser identificada. O artista pop, sobretudo do sexo feminino, constrói sua trajetória através de diversos semblantes midiáticos que por si só criam naturezas volúveis. No caso de Luísa, existem algumas mudanças que corroboram para a sua tentativa de construção de uma carreira autêntica. Como exemplo, é importante relembrar a sua transformação sonora (da voz e violão no Youtube para o pop) e visual (do estilo despojado para o sensual), ambos abordados na segunda seção.

Na era "Doce 22", as mudanças visuais continuam, dessa vez tendo como motivação o combate à objetificação do seu corpo. A coluna Splash do site de notícias Uol publicou, em 06 de junho de 2022, uma matéria onde explica que Sonza adotou uma substituição nos

figurinos utilizados por ela na turnê “Doce 22”, tornando a se apresentar “mais vestida”. Uma fala de Luísa no podcast “Poc Cast” é transcrita na publicação do site, onde a cantora explica que ouviu muitos comentários de que seus shows só eram bons porque ela mostrava o corpo em demasia. Para provar que oferecia mais que um corpo em suas apresentações, Sonza vestiu *looks* mais cobertos em uma tentativa de dar a resposta de que seu show oferece qualidade, independente da roupa que ela esteja usando.

> A autenticidade também é resultante de um efeito de sentido produzido a partir dos discursos e ações da diva pop. [...] Ao se mostrar comprometida efetivamente com sua arte e sua agenda política, a pop star mobiliza certos efeitos de sentido, responsáveis por evocar um ethos ou um caráter de autenticidade (Mozdzenski, 2016, p. 156).

Diante desta ação, pode-se compreender uma espécie de “recálculo de rota” do que Luísa tinha programado para suas apresentações em prol de uma necessidade política e deixando discursos de reafirmação para trás.

Figura 23 - Matéria da coluna Splash, no site Uol sobre a mudança de figurinos na turnê “Doce 22”

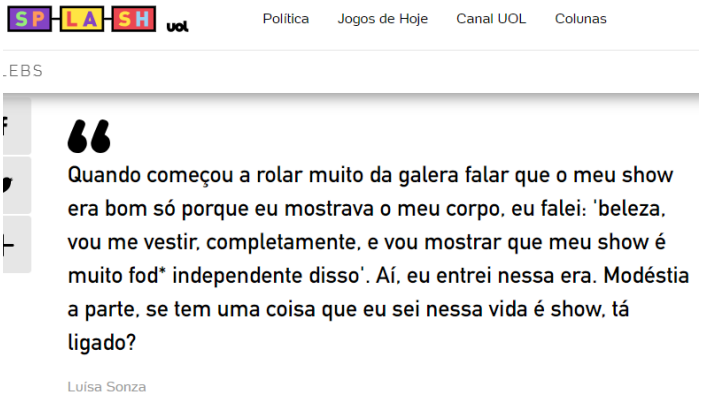


Fonte: Uol, 2022.

Esse episódio promove uma discussão importante para os estudos sobre feminismo e mulheres na música, visto que a partir do momento em que o trabalho de uma artista do sexo feminino é enaltecido apenas pela exposição de seu corpo, limita a possibilidade e a oportunidade de reconhecer outros aspectos apresentados por ela. Para além disso, trata-se da direta objetificação da mulher, ou seja, “imagens em que as mulheres são vistas apenas como corpos ou pedaços de corpos a serem observados e desejados, em vez de agentes sociais

dotadas de desejos próprios e motivações diversificadas" (Mozdzenski, 2015, p. 79) banalizam seus corpos e suas existências como se servissem apenas para alimentar necessidades carnais.

Figura 24 - Fala de Luísa Sonza sobre a motivação da mudança de seu figurino no mesmo site



Fonte: Uol, 2022.

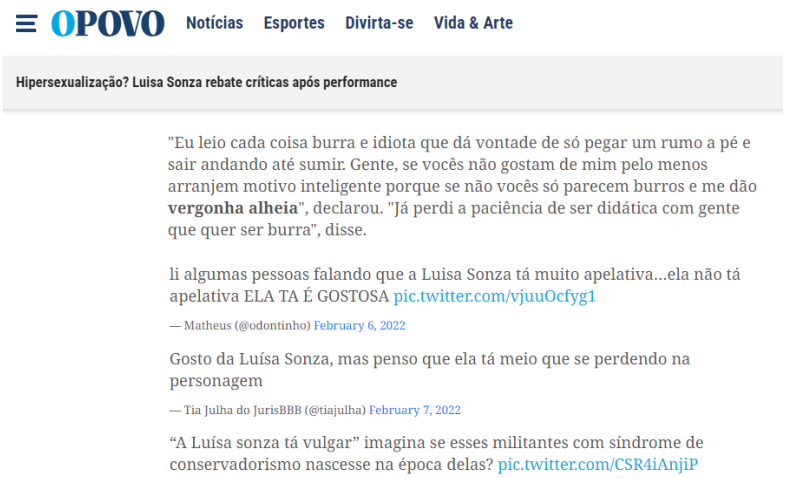
Outro ponto de observação que vale ser ressaltado neste debate é o apresentado no artigo "A construção do eu feminino na música popular brasileira", de Chirlei Lima e Nanci Sanches, quando as autoras abordam o conceito de "marginalidade do gênero na musicologia" (Lima; Sanches, 2009, p. 187). Essa ideia aponta um apagamento da existência de mulheres musicistas, bem como um boicote de seus grandes atos na história da música promovidos pela estrutura machista.

As autoras promovem um debate primeiramente pautado na idealização da mulher sob a ótica masculina na música brasileira, sobretudo nas letras das canções e como isso era preponderante nos anos 1930 e 1940, até pelo fato de não haver mulheres em atividade musical naquelas décadas, surgindo essa representatividade apenas a partir dos anos 1950. Uma amostra citada é "a mulher de verdade" que era Amélia, na canção "Ai, que saudades da Amélia" composta por Mário Lago (1942), onde o autor define o que seria uma moça ideal do ponto de vista dele: sem vaidades e exigências, invocando "a construção de uma imagem da mulher 'quase objeto'" (Lima, Sanches, 2009, p. 190) e pondo a submissão feminina como condição aceitável para estar em uma relação. Em segundo lugar, alguns elementos que acrescentam à performance feminina na música como figurinos mais curtos e a dança são tidos como banais e consequentemente acarretam no apagamento da mulher musicista, pois estes elementos trazem uma contribuição "supostamente 'feminilizadora'" (Lima, Sanches, 2009, p. 187) para algo que ainda hoje permeia como um grande tabu: o prazer feminino

retratado abertamente. Para exemplificar este debate sobre a problematização do corpo feminino enquanto acionado em performances musicais, a coluna “Vida&Arte” do jornal O Povo publicou, em 09 de fevereiro de 2022, uma matéria intitulada “Hipersexualização? Luísa Sonza rebate críticas após performance” ao mencionar um desabafo da cantora em suas redes sociais sobre apontamentos diante de sua apresentação no festival “Summer Pride”, que se tornou motivo de debates sobre apelação *versus* empoderamento.

Alguns internautas alegaram que suas vestimentas e atuação não contribuem para o discurso feminista, promovendo assim material para apenas homens consumirem, enquanto outros frisaram que este discurso é conservador. Sonza, por sua vez, assume uma postura de revolta, afirmando que este público que a critica é burra e que não tem mais paciência para esse tipo de manifestação.

Figura 25 - Declaração de Luísa Sonza sobre críticas acerca de sua apresentação no festival “Summer Pride” e comentários de usuários na rede social X (antigo Twitter)



Fonte: O Povo, 2022.

O sucesso alcançado com o álbum “Doce 22” não impediu que Luísa continuasse a lidar com críticas do público e da mídia. O que pôde ser constatado no decorrer desta seção é que há uma diferença de sua postura na era “Pandora” para a era “Doce 22”: Sonza passou a dar respostas públicas imediatas, seja diretamente (através da mudança na aparência e conduta) ou indiretamente (através da arte). Essas respostas são relevantes para compreensão de um novo semblante midiático que seria adotado pela cantora em sua nova era chamada “Escândalo Íntimo”, trazendo rumos peculiares para a sua carreira e também vida pessoal.

4 UM ESCÂNDALO NADA ÍNTIMO

Ao lançar seu segundo álbum, intitulado “Doce 22”, Luísa Sonza proporcionou ao público e à mídia conhecer a artista sob outra perspectiva: melancólica e revoltada. Essas características, que propõem a apresentação de uma nova persona, são identificadas através de uma análise do semblante midiático criado para a nova era da artista a ser trabalhada. Essa análise é composta do que Soares (2023) chama de “compreensão dos enlaces entre vida e produtos midiáticos”, buscando atrelar as transformações visuais e sonoras do artista às suas motivações, por diversas vezes pessoais. Sonza oferece, dentre as principais características dessa era, um visual mais obscuro e letras que evidenciam um possível desabafo sobre o tratamento da mídia para com o seu papel ocupado na música pop enquanto mulher, também apontando ocorrências de sua vida pessoal, sobretudo com o seu parceiro que também está inserido no meio artístico.

Figura 26 - Visual adotado por Luísa Sonza para a era “Doce 22”



Fonte: PapelPop, 2022.

Retomando o conceito de semblante midiático, o mesmo se encarrega de pôr em prática novas ideias, sensações e percepções de um artista, tendo o imagético e sonoro submetidos a essas atuais perspectivas de forma a potencializar midiaticamente seus discursos e também sua presença, reforçando o “senso de personalidade de um artista musical” (Soares, 2023, p. 100). Salientando os atributos de seu novo semblante, segundo Luísa Sonza em

entrevista dada à Revista Rolling Stone em 2021, o álbum “Doce 22” teve como premissa “expor a si mesma pela primeira vez” (vide seção 03), tornando-se assim um “alto-falante” de seus sentimentos mais sombrios, adquiridos em virtude dos problemas psicológicos enfrentados por ela, como depressão e ansiedade.

Esse trabalho, indicado ao Grammy Latino como Melhor Álbum Pop Contemporâneo em Língua Portuguesa no ano de 2022, estimulou debates públicos sobre Luísa ter superado ou não essas dores que a inspiraram a compor o álbum através do método de comunicação chamado capital especulativo, que consiste em o público procurar dar sentido ao que o artista produz e entrega através de suas próprias especulações, priorizando a máxima de que o artista pop procura sempre “alguma forma de dizer algo de si para o mundo” (Soares, 2023, 110). Um exemplo que reforça o acionamento do capital especulativo dentro desse mesmo contexto é fornecido por Thiago Soares em seu artigo “ Performance e capital especulativo na música pop” (2023).

O autor levanta uma debate sobre a confabulação criada midiaticamente em cima da música “Penhasco”, faixa musical pertencente ao álbum “Doce 22”: ao citar uma entrevista concedida por Luísa Sonza onde a mesma explica que essa canção foi composta após uma crise de choro em um avião voltando do México, Soares pontua que o discurso revela uma “‘falta’ nesta narrativa da cantora que é material para ampla especulação de fãs” (Soares, 2023, p. 105), pois quem chora, chora por um motivo e este não foi explanado pela artista. Diante do enredo no qual Sonza estava inserida naquele momento, onde lidava com o fim de seu relacionamento com o humorista Whindersson Nunes, a composição poderia se tratar sobre esse término, cabendo ao público especular sobre tais motivações da composição e desta forma, praticando o capital especulativo.

Outro debate que pode ser considerado importante para a era “Doce 22” é o acionamento do corpo feminino na música pop. Sonza modificou as suas vestimentas durante a turnê do álbum, pois segundo ela em entrevista ao PodCast “Poc Cast” e fala publicada no site Uol, em 06 de junho de 2022, ouviu diversos comentários de que seus shows só eram bons porque seu “bumbum estava à mostra”. Essa pauta carrega consigo a importância de se discutir o lugar de mulheres na música, atrelando essa ocupação aos estudos feministas que determinam que “imagens femininas negativas ou deturpadas são aquelas em que as mulheres são identificadas como exploradas sexualmente, isto é, imagens em que as mulheres são vistas apenas como corpos ou pedaços de corpos a serem observados e desejados” (Mozdzenski, 2015, p. 79). Se Sonza sentiu a necessidade de modificar seus *looks*, demonstra que existiu um incômodo com a validação de seu trabalho devido ao seu corpo ser mais observado que a

sua arte. De toda sorte, a cantora deu uma resposta imediata às críticas através da mudança de seu figurino e esse retorno imediato ao que lhe ocorreu passará a ser uma forte característica da sua trajetória enquanto *performer*, sobretudo em sua nova era que estaria por vir.

Esse novo momento de Luísa Sonza fica caracterizado pelo lançamento de seu terceiro álbum, chamado "Escândalo Íntimo". O mesmo teve seu lançamento em 29 de agosto de 2023 e assim como no álbum "Doce 22", projeta as percepções íntimas de Luísa para o mundo, mas não somente através de eventos que culminaram em um caos. O disco também surgiu através de inspirações em sonhos da própria cantora. A Revista Marie Claire publicou, em 18 de agosto de 2023, uma explicação da cantora sobre o conceito do trabalho prestes a ser lançado: "Todas foram baseadas em sonhos e pesadelos meus. E todo o visual é uma viagem. Acontece um monte de coisa por lá" (Marie Claire, 2023). Carregando o mesmo semblante sombrio da era passada, Luísa apresenta agora um visual "gótico do campo", misturando elementos soturnos como roupas de tons mais escuros ou amadeirados, calças em estilo "pantalona" e materiais como cintos e fivelas de couro, que remetem a uma origem camponesa.

Figura 27 - Visual gótico camponês em show da nova turnê "Escândalo Íntimo"



Fonte: Produção autoral, 2024.

Duas semanas antes do lançamento do álbum, Sonza disponibilizou o primeiro *single* chamado "Campo de Morango", junto com seu clipe. Esse ato é de extrema relevância para a construção ou reforço de seu novo semblante midiático, primeiramente pela estética sonora da música e, em segundo lugar, pela sua proposta audiovisual. Sonza apresenta uma espécie de

rap com batidas de dubstep e letras que reforçam sexualidade e superioridade femininas: "*Tua vizinha pelada eu sou/Na BMW borrando o batom/Toda boa, boa, boa menina/Solta esse beat, eu resolvo por cima"* (Luísa Sonza, "Campo de Morango", 2023).

No que diz respeito ao clipe, ele apresenta uma fotografia em tons mais amadeirados e que podem ser considerados como parte da premissa visual do álbum junto com as fortes imagens que o compõe, sobretudo nos *takes* onde Sonza está deitada em uma cama com vários morangos amassados que deixam os lençóis e a roupa da cantora e dançarinas avermelhados, assemelhando-se a uma violência sanguinária. Segundo a Revista Marie Claire ainda na publicação de 18 de agosto de 2023, a cantora perdeu 100 mil seguidores após o lançamento do clipe "Campo de Morango", mas que ela mesma já estava esperando essa demonstração de desdém.

Em entrevista concedida ao podcast "PodDelas" e transcrita na revista, Sonza afirma que esperavam que ela retornasse aos trabalhos com "conceitos maiores", mas ela quis "botar o dedo na ferida" e lançar esse *single*, inclusive cortando a música no meio como uma espécie de jogada de marketing para aguçar as atenções para o que vem por aí. Também reforça que a música e o álbum como um todo refletem um relacionamento abusivo, sobretudo com ela mesma.

Figura 28 - *Take* do clipe "Campo de Morango", primeiro *single* do álbum "Escândalo Íntimo"



Fonte: Reprodução/Youtube, 2023.

Para o acionamento do capital especulativo na música, os aspectos visuais não foram atrativos para os olhares do público devido à composição chocante, que lembra um ataque sexual contra o corpo feminino, ao passo que cumpriram seu dever de estimular a procura

sobre o novo trabalho da cantora e confabular sobre o que a mesma quis apresentar com imagens tão fortes e que podem acionar gatilhos:

Figura 29 - Comentários de usuários da rede social X sobre o clipe



Fonte: Reprodução/X, 2023.

Considerando a "especificidade cultural e histórica existente tanto na encenação quanto na recepção" (Taylor, 2013, p. 27), o primeiro ato performático de Luísa Sonza em sua nova era conduziu o público a entrar em contato com uma série de excentricidades, podendo acionar gatilhos sobretudo em mulheres que já foram violentadas sexualmente. Esse contato com o grotesco e ao mesmo tempo incompreendido no pop nacional, sendo favorável ou não para a cantora, volta as atenções para ela devido a se tratar de inspirações intrínsecas e pela metade, requerendo, dessa forma, uma explicação ou continuação.

4.1 De referências a críticas: Luísa Sonza e a construção do arquétipo intelectual

Assim como em seu segundo álbum, o "Escândalo Íntimo" de Luísa Sonza carrega consigo diversas sonoridades e influências de grandes artistas nacionais e internacionais. O disco passeia por estilos como o rock em "Carnificina", música eletrônica em "*La Muerte*", blues em "Surreal" e sertanejo em "Onde é que deu errado?". É importante pontuar as contribuições para a construção dessa obra, seja atuando diretamente ou indiretamente: O cantor setentista Abílio Manoel, de quem Sonza utiliza o *sample* de "Luiza Manequim" em "Luísa Manequim", a cantora americana Demi Lovato em "Penhasco2", suas amigas pessoais e que também fazem parte do novo cenário do pop nacional, Marina Sena e Duda Beat em "Romance em Cena" e "Ana Maria", respectivamente, e Caetano Veloso e Rita Lee em "*You*

Don't Know Me" e "Lança Menina", as quais são os compositores originais de cada uma. Também é relevante citar a canção "Chico", uma bossa nova em homenagem ao seu namorado à época, o *influencer* Chico Veiga, e que faz alusão à música "Folhetim", composta por Chico Buarque e famosa na voz de Gal Costa, pela semelhança em seus versos:

"*Se acaso me quiseres/Sou dessas mulheres que só dizem sim*"
(Chico Buarque, "Folhetim", 1978).
"*Chico, se tu me quiseres/Sou dessas mulheres de se apaixonar*"
(Luísa Sonza, "Chico", 2023).

Essas referências mais vanguardistas fomentam uma tentativa de aproximação de Luísa aos seus ídolos, mesclando suas ideias às deles e propondo que a sua obra parte de um princípio de continuidade do que foi consagrado no cenário musical brasileiro.

Figura 30 - Em seu perfil no X, Luísa pede que fãs ouçam célebres cantores nacionais a fim de conseguirem acompanhá-la intelectualmente



Fonte: Na Telinha - UOL, 2022.

Esse debate sobre a ocupação de Luísa Sonza na cena musical brasileira foi sendo alimentado pela própria cantora em diversos momentos enquanto trabalhava a era "Escândalo Íntimo". A começar pela sua aproximação pessoal e profissional com a cantora Rita Lee, a quem homenageou através da música "Lança Menina" conforme mencionado acima, utilizando o refrão de "Lança Perfume", composta por Rita e seu marido, Roberto de

Carvalho. Em agradecimento, Lee citou a artista em um trecho de seu livro “Rita Lee - Outra Autobiografia”:

Figura 31 - Luísa Sonza se emociona ao ver que Rita Lee a mencionou em seu livro



Fonte: Diário de S. Paulo, 2023.

Sonza também esteve presente em uma série de outras homenagens à cantora, que faleceu em maio de 2023, e assim tentou manter sua imagem e obra próximas do espectro de rockeira progressista. Para fomentar esse semblante, lançou uma parceria póstuma com Rita Lee da canção “Esse Tal de Roque Enrow”, lançada originalmente por Lee em 1975. Nessa regravação, a voz original de Rita na canção é utilizada em um dueto com Sonza. Outro aspecto que deve ser considerado relevante para esse assunto é a opinião do público e da mídia, assim como em qualquer movimentação do artista. Inicialmente, debates como o surgimento de uma “nova Rita Lee” foram levantados, abarcando não somente Luísa Sonza, mas outros cantores da nova geração do pop nacional como o cantor Jão sendo o “novo Cazuza” e a cantora Marina Sena, a “nova Gal Costa”.

É importante ressaltar que ambos homenageiam constantemente os respectivos artistas aos quais são comparados, seja por motivações de gosto pessoal ou convites externos. Vale pensar no que essa construção do tributo à alguém reverbera, já que segundo Sibilia (2015), essa construção é subjetiva, ou seja, cada um desses artistas mencionados insere ou inseriu de alguma forma uma ideia, gesto ou valor do artista homenageado ao seu trabalho em algum momento. Em ato contínuo, “essa subjetividade ganha forma e existência à medida que (e na medida em que) se mostra e aparece, performa e se performa” (Sibilia, 2015, p. 358) trazendo

essas ideias, gestos ou valores com uma nova roupagem e criando a sua própria realidade através da sua entrega e habilidade. Essas performances contribuem para que nutram associações à pessoa homenageada, seja pela voz, pelo corpo ou pela sua representação na sociedade. Se há uma homenagem, há a comparação em dado momento, o que fomenta o funcionamento subjetivo dessa recepção do público e da mídia. Está ali criada, ainda que inconscientemente, uma suposição sobre uma possível substituição no cenário musical brasileiro de acordo com os "efeitos que consegue provocar nos outros, sobretudo no plano visual" (Sibilia, 2015, p. 356), conforme as imagens comparativas abaixo:

Figura 32 - Debates na rede social X sobre a nova ocupação geracional na música brasileira



Fonte: Reprodução/X, 2024.

Outro ponto que merece relevância como complemento destas discussões é o discurso da própria Luísa sobre a maneira que o artista deve adentrar na ocupação de espaços na música. É importante ressaltar que a artista não fomenta diretamente discursos comparativos entre ela e Rita Lee ou entre um cantor de sua geração com outro cantor de outra geração, mas reforça um padrão de que determinados comportamentos de um artista podem torná-lo genérico e fazê-lo cair no esquecimento.

Segundo matéria da revista Marie Claire, publicada em 05 de junho de 2024, a cantora define esses comportamentos como atitudes rasas, ou seja, um não aprofundamento em sua arte que por meios naturais o público irá descartar: "A gente vai fazer uma música na marca e uma dancinha que vai ser orgânico, vai tocar na rádio, vai hitar [...] Não vai, as pessoas sabem quando é e quando não é" (Marie Claire, 2024). Pensando nesta afirmação da cantora e considerando que, segundo Sibilia (2015), o corpo do artista se transformou no principal alvo dos espectadores, há uma motivação para a performance através de uma marca, seja financeira

ou de ideais, visto que existe uma relação de mão dupla entre a influência do artista sob o público e o uso de determinado produto. Também é válido considerar que a própria cantora faz uso constante da dança, sobretudo em cima de músicas com letras de cunho banal, o que implica apontar uma ambiguidade entre sua fala e ações.

Dessa maneira, Sonza envereda pelo que Paula Sibilia (2015) chama de "habilidades de autopromoção", que basicamente é uma transformação de seus valores imbuídos por sua fala a fim de promover uma nova versão de sua imagem, se afastando do contexto onde está totalmente inserida - o de performer de danças sensualizadas - e assumindo uma função crítica dessas performances, automaticamente se aproximando daquela subjetividade a qual o público (ou ela mesma?) tenta encaixá-la: o arquétipo de uma continuidade de gerações marcantes na música brasileira.

4.2 Traição, racismo e documentário: um folhetim em rede nacional

Em 20 de setembro de 2023, no auge da divulgação de seu álbum "Escândalo Íntimo", Luísa Sonza foi convidada ao programa televisivo Mais Você, da emissora Rede Globo, para promover seu novo trabalho. Nele, performou a canção "Ana Maria" (título de mesmo nome da apresentadora do programa), colaboração feita com a cantora Duda Beat, também presente no local. Após a apresentação, Sonza leu uma carta feita por ela mesma que anuncia o fim de seu relacionamento amoroso com Chico Veiga devido à uma traição recém descoberta.

Segundo Soares e Pereira (2023), as dimensões trágicas, cômicas, aterrorizantes das aparições e conflitos nas mídias colocam em cena dramas sociais que são acionados por atores sociais em contextos de alta visibilidade. Com essa anunciação em rede nacional, Sonza promoveu uma alavancada significativa para a promoção de seu novo álbum. Segundo dados divulgados pelo portal de notícias Popline, em 21 de setembro de 2023, a faixa "Chico" atingiu mais de um milhão de reproduções na plataforma Spotify nas primeiras 24 horas após a exibição do programa Mais Você. A cantora também evocou, com o seu discurso, uma comoção e identificação de/com mulheres em mesma situação ao proferir que tomou essa atitude em nome das situações que presenciou enquanto criança na sua família, colaborando assim para que seus dramas pessoais mais uma vez se tornassem públicos.

Figura 33 - Luísa emocionada ao vivo no programa Mais Você



Fonte: Portal G1, 2023.

Ao passo em que a revelação da traição era televisionada, havia um processo de racismo contra Luísa Sonza sendo arquivado. No mesmo dia da exibição do programa, o portal G1 publicou uma matéria sobre o encerramento desse processo, onde houve um acordo decidido entre as partes. Sonza foi indiciada pelo crime de racismo ao solicitar um copo d'água a uma moça em um evento, não considerando que a vítima, de pele negra, não trabalhasse ali e fosse tão convidada quanto a cantora. Nessa mesma matéria, há uma negação de Luísa logo quando houve o crime (em 2020), alegando que jamais ofenderia alguém pela sua pele, mas a cantora não só teve que indenizar a vítima, como publicou uma retratação em suas redes sociais após o fechamento do caso.

A cantora e ex-BBB Maria publicou um vídeo em sua conta no Instagram levantando a possibilidade de que o fato de Luísa ir a um programa de TV expor que foi traída pode ser uma jogada de marketing para desassociar sua imagem do caso onde foi ré. Maria, que se autodeclara mulher preta, levanta a reflexão de que não viu a cantora apresentar nenhuma carta aberta em rede nacional sobre o crime de racismo e também não a viu engajar nenhuma causa racial até então, comparando sua postura às situações nas quais estava envolvida (traição e crime de racismo).

Figura 34 – Frame de vídeo da cantora e ex-BBB Maria sobre os casos os quais Luísa Sonza esteve envolvida



Fonte: Reprodução/Instagram, 2023.

O princípio de que Luísa carrega uma estratégia de marketing por trás de seus atos levanta o conceito que Sibilia (2016) chama de "personalidades alterdirigidas": trata-se de uma construção do sujeito de forma conduzida principalmente para a sua apresentação diante do público, moldando seu caráter a fim de adquirir aprovação de seus espectadores. Esse conceito se enquadra na hipótese de Sonza esconder um fato negativo sobre sua vida e que a coloca em posição de opressora, ao mesmo tempo em que expõe abertamente mais um fato ocorrido em sua vida, o qual foi vítima.

Vale ressaltar que a cantora esteve, durante toda a sua trajetória até então, com sua vida pessoal e profissional totalmente interligadas em suas performances, fazendo constantes correlações entre suas experiências em relacionamentos interpessoais com sua obra, conforme este trabalho vem mostrando. Segundo a coluna Splash do Uol, em notícia publicada no dia 14 de dezembro de 2023, Luísa concedeu uma entrevista ao programa Fantástico, da Rede Globo, mas a emissora decidiu descartar o conteúdo por pressão da equipe da cantora. Segundo a coluna, trechos dessa entrevista foram vazados e demonstram incômodo de Sonza com uma pergunta sobre o caso de racismo, fomentando a possível justificativa para o cancelamento dessa exibição e contribuindo mais ainda para o seu silêncio "alterdirigido".

Esse silêncio de Sonza seria quebrado em entrevista à youtuber Bianca DellaFancy, em seu canal "Dellamake". Em 03 de novembro de 2023, o portal Folha de Pernambuco publicou uma notícia onde afirma que Luísa tratou o assunto publicamente pela primeira vez, além de transcrever alguns relatos da mesma sobre o caso, como por exemplo a sua demora em entender que havia cometido injúria racial, admitindo abertamente sua culpa. Luísa busca, dessa forma, "driblar as sedutoras ciladas da espetacularização do eu" (Sibilia, 2015, p. 363),

adentrando ao assunto de forma a declarar exatamente o que fez e contornando essas ciladas com uma possível solução muito comum aos artistas cancelados na mídia: o pronunciamento de que irá se aperfeiçoar - ainda que tardiamente - no assunto o qual cometeu um erro, em uma tentativa de reconquistar seu público e a mídia eventualmente desapontados. Esse assunto também é abordado em um documentário sobre sua própria vida e obra na plataforma Netflix, lançado em 13 de dezembro de 2023. Nessa leva de pronunciamentos e debates abertos sobre ocorrências de sua vida, o documentário "Se Eu Fosse Luísa Sonza" (2023) aborda em três episódios a carreira da cantora, o processo criativo de canções e conceitos para seus novos trabalhos, relacionamentos amorosos, além de registros de suas crises de ansiedade/pânico e pensamentos suicidas gravados predominantemente durante a era "Doce 22", seu segundo álbum de estúdio.

Dois pontos importantes a serem destacados no documentário são, primeiramente, os discursos de autoflagelo proferidos pela cantora em diversos momentos: "Sou minha pior *hater*, com certeza [...] 'Tô' triste por antecipação do cancelamento que vai vir quando esse documentário sair" (Sonza, Se Eu Fosse Luísa Sonza, 2023), deixando à mostra sua fragilidade e possíveis receios ou traumas quanto aos enquadramentos nos quais foi inserida midiaticamente. E em segundo lugar, o trabalho de sua imagem em *takes* relevantes para a série como comentários da própria Luísa sobre situações tumultuadas em sua vida e o pronunciamento sobre o caso de racismo.

Figura 35 - *Takes* do documentário onde Luísa Sonza comenta episódios conflitantes de sua vida e relata o caso de racismo cometido por ela, respectivamente



Fonte: Reprodução/Netflix, 2023.

Retomando as quatro etapas de unidades processuais da performance propostas por Victor Turner (2008), Luísa estaria, neste momento, acionando a terceira etapa intitulada como “ação corretiva” (Turner, 2008). Em ambas as fotos, a cantora veste roupas brancas, ausência ou sutileza no uso de maquiagens e cenários que transmitem calmaria no local, contribuindo para a criação de um semblante sereno e reflexivo, distante das situações que estão sendo narradas e reforçando a ideia de “minimizar os impactos da crise subsequente à ruptura e de tentar rearranjar os laços sociais fraturados” (Dalla Vecchia, 2020, p. 216) sobretudo com seu público, após o crime cometido.

Ao assistir o documentário, é possível notar que há bastante edição (cortes e monitoramento externo das falas) no vídeo que originou este último *take*, garantindo que Sonza se pronunciasse sem deslizes que culminassem em um novo cancelamento. Também é possível notar esse comportamento mais dirigido da cantora em outras ocasiões, como na entrevista concedida ao programa *De Frente com Blogueirinha*, que foi ao ar em 27 de novembro de 2023 e faz parte do canal DiaTV, no Youtube. É perceptível que Luísa olha constantemente em direção à sua produção atrás das câmeras sempre que vai falar aleatoriamente ou responder às perguntas da entrevista, reforçando a máxima das “construções de si orientadas”, segundo Sibilia (2016).

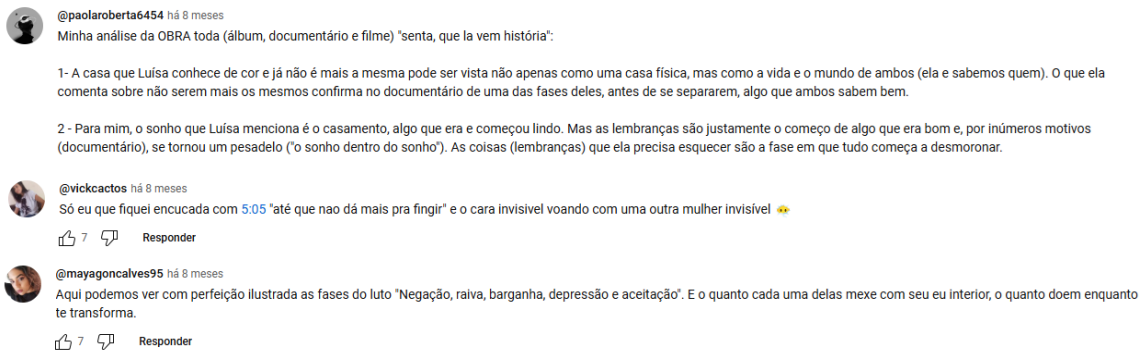
Para a consolidação do enredo desta era, Luísa Sonza lançou um curta metragem em 26 de maio de 2024 na plataforma Youtube, denominado “Escândalo Íntimo - O Filme”. O curta tem duração de 14 minutos aproximadamente e se passa em uma espécie de fazenda abandonada, um cenário alinhado à proposta inicial do álbum: com uma fotografia escura, cenas excêntricas e retomando algumas questões e discursos trabalhados ao longo da sua carreira e vida pessoal, que geralmente estão interligadas.

Alguns pontos deste filme merecem destaque para uma espécie de retomada dos fenômenos de comunicação acionados ao longo deste trabalho. Um dos primeiros *takes* do curta, mais precisamente no minuto 00:52, contém Luísa atravessando um caminho em direção à referida fazenda e, em dado momento, alguns personagens aparecem nesse mesmo caminho observando-a passar. Dentro deste contexto, é importante relembrar o conceito de *framing* defendido por Gutmann (2006) e visto na segunda seção deste trabalho, onde este fenômeno delibera, dentro da comunicação, o ângulo mais relevante de um determinado objeto para que seja discutido publicamente, seja a partir dos veículos de mídia ou pelo público.

O *framing*, ou “enquadramento” traduzindo para a língua portuguesa, é relevante para compreensão do enviesamento que determinado assunto terá a partir do tratamento dado a ele em sua publicação. Assim, pode-se correlacionar estes personagens observantes com o público e a mídia, que estão posicionados para acompanhar sua vida e seu trabalho, enquanto trilha seu caminho. Ademais, metaforicamente enquadrando-a em movimento em uma possível função de capturar a “moldura” ideal da artista que “sustenta o significado de eventos relevantes e sugere qual é a essência da questão” (Gamson, 1989, p. 157 *apud* Gutmann, 2006, p. 30-31). Uma das essências atribuídas à cantora, por exemplo, foi a de “esposa de Whindersson Nunes” no começo de sua carreira, conforme visto na seção 2 deste trabalho.

Sonza narra todo o filme em consonância com as imagens que estão sendo mostradas, enfatizando que o enredo se trata de um sonho, sem identificar se é um sonho de forma literal ou não, o que pode mobilizar seus fãs (e também seus *haters*) a construírem seu próprio entendimento do que está sendo proposto, processando o capital especulativo na música - máxima utilizada em estudos de performance que visa a especulação do que o artista está propondo em sua arte através da pesquisa, compreensão dos elementos apresentados e também através da “mobilização de afetos em rede” (Soares, 2023, p. 106), uma espécie de conexão do receptor com o discurso proferido pelo interlocutor. Como exemplo da prática deste fenômeno, é possível destacar nos comentários do próprio vídeo na plataforma Youtube algumas interpretações e suposições feitas acerca das imagens, sobretudo com a chegada de um personagem no minuto 03:26 que aparenta ser importante para o roteiro: um homem sem cabeça que seduz a personagem interpretada por Luísa Sonza e em seguida, vai embora.

Figura 36 - Interpretações sobre “Escândalo Íntimo - O Filme” na plataforma Youtube



Fonte: Reprodução/Youtube, 2024.

De acordo com as especulações acima, o homem em questão pode ser seu ex-marido Whindersson Nunes, com quem teve um relacionamento assistido midiaticamente e um término conturbado onde Luísa foi introduzida a diversos episódios de misoginia que acarretaram em problemas psicológicos como depressão e ansiedade, conforme visto nas seções 2 e 3 deste trabalho. Também é possível visualizar, no último comentário, uma identificação da telespectadora com o produto audiovisual de maneira a correlacionar o conteúdo do trabalho com o luto, certamente já vivido por ela em algum momento.

No minuto 07:14 do curta metragem, Sonza inicia um incêndio na casa onde se passa a história, causando a impressão de caos que pode estar atrelado aos eventos recentes de sua vida enquanto famosa cantora pop brasileira: término de relacionamento, acusação de traição que teria motivado esse término e acusação de que ela seria a principal culpada do seu ex ter perdido o primeiro filho, fruto do relacionamento com outra pessoa.

Relembrando um dos embasamentos teóricos dos estudos de performance, a instalação e crescimento dessas confusões na vida de Luísa Sonza se alinham ao que Turner (2008) chama de primeira e segunda fase das unidades processuais de performance, denominadas como “ruptura ou fissura social” e “crise crescente”, respectivamente. Ambas reforçam a compreensão desses eventos conturbados com a explicação de que há uma quebra de vínculo publicamente, vide o término desse relacionamento conhecido nacionalmente e o que esse desafeto teve como consequência, uma série de eventos que representam o crescimento de uma crise: acusação de traição, problemas psicológicos, dentre outros.

Figura 37 - Sonza “renascendo” em “Escândalo Íntimo - O Filme”



Fonte: Reprodução/Youtube, 2024.

A partir do minuto 08:39, Luísa caminha até o incêndio em sua casa e até um lago ao mesmo tempo enquanto narra que para que sua dor acabe, deve consumí-la até o fim, dando a entender a possibilidade de "muitas mortes" dentro de sua vida. No minuto 09:40, Sonza fala em renascimento através da dor e, em seguida, entra um *take* da cantora nua em posição fetal, conforme imagem acima. Após essa cena, Luísa se levanta, veste sua roupa e vai embora com um semblante de alívio em seu rosto, reforçando este aspecto com uma narração sobre estar finalmente livre no minuto 11:26. Este momento do curta metragem pode estar atrelado à representação de uma nova fase em sua vida e carreira, a era "Escândalo Íntimo", como também a terceira fase das unidades processuais de performance proposta por Turner (2008) denominada "ação corretiva", que visa compreender quais ações o *performer* está tomando para si que podem ser consideradas "'mecanismos' de ajuste e regeneração" (Turner, 2008, p. 34 *apud* Dalla Vecchia, 2020, p. 216) de sua carreira.

No contexto do filme de Luísa Sonza, esse ajuste e regeneração estão alinhados com a sua "morte", onde Luísa deixa ir com ela todas as dores as quais vinha enfrentando. O "renascimento" busca, de forma metafórica, fazer o público receptor compreender o surgimento de uma nova Luísa Sonza "do zero", sem a interferência de suas experiências pregressas que ocasionaram o incêndio que a derrubou. Vale também pontuar a tentativa de vivenciar a quarta fase dessas unidades processuais, denominada "reintegração do grupo social perturbado" (Turner, 2008, p. 36 *apud* Dalla Vecchia, 2020, p. 217), que é caracterizada pela busca de uma restituição de si mesma publicamente, procurando se desassociar dos eventos dramáticos os quais estava inserida e tentando uma "reintegração das partes fissuradas" (Dalla Vecchia, 2020, p. 217) que dizem respeito sobretudo às mazelas de sua vida pessoal, que também é pública.

De acordo com o filme, o início da era "Escândalo Íntimo" coincide com o fim de uma Luísa Sonza e a chegada de outra, que certamente deixou morrer muitas características da antiga Sonza dentro de si, mas ao longo desta seção é possível constatar que as "fissuras sociais" (Turner, 2008) que abarcam a sua vida pessoal e profissional tendem a ressurgir com facilidade.

Os casos de traição e racismo, sofrido e praticado, respectivamente, por Luísa Sonza nesta era são exemplos que corroboram para uma espécie de "*looping*" desses processos que englobam suas performances, o que faz sentido de assim ser, pensando que sua trajetória ainda está em curso e constantemente repleta de elementos válidos a se pontuar. Para completar, é importante frisar que a existência de tais fissuras contribuíram e contribuem para a reformulação da antiga Luísa, que gravava vídeos caseiros despretensiosamente para o

Youtube, em uma atual Luísa “alterdirigida” (Sibilia, 2016), que ainda que tenha se consolidado como um grande nome na música pop brasileira atual, busca aclamação e apreço tentando manter o controle desses “desastres” públicos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao lançar seu primeiro álbum, intitulado “Pandora”, a cantora Luísa Sonza adentra na música pop brasileira deixando de lado os cenários básicos e roupas simplistas de seus primeiros vídeos na plataforma Youtube e partindo para a construção de uma nova artista de maior impacto no cenário musical, com algumas mudanças estratégicas da cantora neste processo: uso de figurinos que evidenciam as curvas de seu corpo, uso da dança como principal forma de performar, maquiagem e cenários mais elaborados, bem como a sonoridade mercadologicamente mais aceita (músicas mais dançantes como o funk, bregafunk e pop) carregando assim, elementos de construção de uma diva pop brasileira.

Quanto mais livremente Sonza buscava se expressar, seja em letras de música como “Braba” ou adotando uma postura dotada de sensualidade em seus trabalhos, a mídia se mostrava engajada em retratá-la como pertencente a um homem e não enxergando-a como um sujeito que está construindo sua própria carreira. Não só isso, Luísa também foi enquadrada como uma esposa infiel, tornando a lidar com a cultura do cancelamento, discursos de ódio e ameaças de morte, de forma a poder ser classificada em um momento de “fissura social” (Turner, 2008), diante do caos que estava lidando publicamente na era “Pandora”. Inclusive, essa classificação faz parte de quatro pilares denominados por Turner (2008) como “enquadramento midiático” que são acionados ao longo deste trabalho e correlacionados com a carreira da *performer*.

Na fase mais sombria de sua vida e carreira que marca a era “Doce 22”, é possível capturar um semblante de nostalgia à sua vida pregressa, com as influências diretas de elementos e ícones da cultura popular dos anos 2000, década em que nasceu e celebra neste álbum e também simbolizando que a sua vida no interior do Rio Grande do Sul faz falta. Há também uma análise do discurso de autoafirmação de Luísa nas canções do “Doce 22”, exemplos como frames dos clipes de “INTERE$$EIRA”, “VIP *-*” e “penhasco.” são utilizados para denotar que ela tem ciência do quanto é vista como uma criminosa pela mídia, da ciência de seu poder enquanto mulher reconhecida nacionalmente e aciona referências a artistas com históricos de problemas mentais e linchamento midiático, como Clarice Lispector e Britney Spears, a fim de reforçar sua identificação aos dramas vividos por essas mulheres mundialmente conhecidas.

A seção 3 deste trabalho busca elucidar não só como a obra de Sonza se apresenta, partindo do princípio de um novo semblante midiático totalmente diferente da era “Pandora”, mas também colocar em evidência os enquadramentos midiáticos nos quais foi posta e que

debates são levantados em cima de sua pessoa e trajetória, de comentários sobre sua qualidade vocal e vestimentas até as próprias falas, canções e ações da cantora em retorno ao que foi dito sobre ela.

Essas respostas imediatas de Sonza ao rechaçamento midiático que sofreu fazem parte da construção da seção 4, que tem como principal base a era "Escândalo Íntimo". Como explicação de seu semblante midiático para essa fase, são exemplificados elementos utilizados pela cantora como seu visual mais camponês, sem perder o estilo gótico utilizado na era passada, bem como a fotografia de seus materiais visuais, repletos de imagens fortes que traduzem, segundo a cantora, uma série de sonhos e pesadelos. A seção também aborda dois tópicos importantes para a construção dessa era. Primeiramente, a construção de uma imagem com bastante aproximação dos grandes nomes da MPB levantando o debate comparativo: "Seria Luísa Sonza a nova Rita Lee?" Esse questionamento, que ocorre não só com Sonza, mas com outros artistas de sua geração como Marina Sena e Jão - em comparação à Gal Costa e Cazuza, respectivamente - traçou uma ideia subjetiva de continuidade do legado desses artistas de uma geração passada, quando os mesmos adotam canções, trejeitos e vestimentas que remetem aos seus "ídolos", compondo a ideia de subjetividade criada através dos elementos da performance defendida por Sibilia (2015).

Este debate se soma aos estudos de comunicação pensando não só na opinião pública comparativa entre artistas de gerações distintas, mas também sobre haver a possibilidade de uma continuidade de fato. Em segundo lugar, está o discurso contraditório de Luísa sobre o lançamento de canções genéricas, fazendo, segundo ela, com que um artista nessa posição caia em esquecimento. Esse posicionamento fomenta a sua aproximação de um arquétipo intelectual na música brasileira, porém abre questionamentos sobre o seu próprio material fonográfico, já que a mesma lança músicas com letras banais constantemente. Esse tema é abordado de maneira a se pensar sobre a construção que a cantora busca alcançar, no entanto, esquecendo-se do contexto onde está inserida.

Por fim, ocorre a traição de seu então namorado Chico Veiga anunciada publicamente pela cantora e, ao mesmo tempo, o arquivamento do processo judicial do crime de racismo, cometido pela mesma, reforçando a máxima de Soares e Pereira (2023) sobre dramas sociais que são acionados por atores sociais em contextos de alta visibilidade. Esta "coincidência" dos fatos levantou mais um debate sobre a coerência das ações da cantora: estaria Luísa jogando uma cortina de fumaça sobre o processo judicial no qual foi considerada culpada ao voltar as atenções para outro caso no qual foi vítima? Neste aspecto, o conceito de "personalidade alterdirigida" defendido por Sibilia (2016) é levantado na seção, conceito este

que aponta uma coordenação e direcionamento de ações do *performer* a fim de minimizar riscos de rechaçamento público e conduzir o sujeito de forma a ser aprovado por seus espectadores. Esta compreensão é válida sobretudo quando a cantora se nega a falar sobre o crime cometido em entrevistas, como no programa Fantástico, da Rede Globo, mas se pronuncia em seu documentário "Se Eu Fosse Luísa Sonza" (Netflix, 2023) em um cenário limpo, roupas claras e vídeo visivelmente editado.

A era "Escândalo Íntimo" é sacramentada com o lançamento de um curta metragem de duração média de quatorze minutos e o final da seção é dedicado à correlação de diversos dramas de sua trajetória ao enredo do filme, de enquadramentos midiáticos aos quais foi introduzida até a tentativa de controle milimétrico de suas ações, a fim de minimizar os discursos de ódio e cancelamento *online*.

Diante dessa instabilidade de acontecimentos acerca da trajetória da cantora, surge a pergunta: seria Luísa Sonza uma vítima da mídia hegemônica em sua totalidade ou ela estaria tendo as consequências de seus atos? Seu papel enquanto mulher em destaque na música brasileira foi consideravelmente tratado de forma misógina, tendo o seu talento e individualidade questionados e indo mais a fundo, tendo a sua integridade física e mental ameaçadas pelo machismo. Do outro lado, existe uma tentativa de controle desses dramas por parte da cantora e sua equipe de modo a querer impedir novos cancelamentos e debates a despeito de sua originalidade, atribuindo à cantora uma responsabilidade coercitiva e coerente, mas claramente não suportada, fazendo-a soar constantemente dirigida, quiçá amedrontada.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A.; SOARES, T.; POLIVANOV, B. **Disputas sobre performance nos estudos de Comunicação: desafios teóricos, derivas metodológicas**. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, p. 63-79, v. 41, n. 1, 2018. Disponível em: https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/3044. Acesso em: 04 jan. 2024.

BARROS, A. L.; SILVA, G. A. G. da. FEMINICÍDIO:: o papel da mídia e a culpabilização da vítima. **Jornal Eletrônico Faculdades Integradas Vianna Júnior**, *[S. l.]*, v. 11, n. 2, p. 22, 2019. Disponível em: https://jefvj.emnuvens.com.br/jefvj/article/view/729. Acesso em: 04 mai. 2024.

BBC BRASIL. Britney Spears raspa a cabeça e causa preocupação. **BBC Brasil.com**, 19 fev. 2007. Cultura & Entretenimento, p. 1. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/02/070219_britneyspearstextog. Acesso em: 9 set. 2024.

BONINI, Marina. Luísa Sonza conta que criação de 1° álbum a libertou: "Não me abria nem para a minha mãe e marido". **Revista Quem**. 2019. Disponível em: https://revistaquem.globo.com/Musica/noticia/2019/06/luisa-sonza-lanca-seu-primeiro-album-pandora.html. Acesso em: 23 abr. 2024.

BORGES, Ramon. Luísa Sonza ironiza após receber chuva de dislikes em clipe com Vitão: "A meta é passar o Justin", disparou a cantora sobre os 3,4 milhões de dislikes no YouTube. **Metropoles**, [*S. l.*], 15 jun. 2020. Pipocando. Disponível em: https://www.metropoles.com/colunas/pipocando/luisa-sonza-ironiza-apos-receber-chuva-de-dislikes-em-clipe-com-vitao. Acesso em: 4 mai. 2024.

BRABA. Intérprete: Luísa Sonza. Universal Music International, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ogxUGtlAq18. Acesso em: 29 abr. 2024.

CABRAL, Ana Luísa; ROZENDO, Ana Laura; ARANTES, Gabriela; ARAÚJO, Vitória. **A cultura do cancelamento e os impactos na saúde mental: Um estudo de caso sobre a cantora e influenciadora Luísa Sonza**. Anais Do IX Seminário De Produção Científica Do Curso De Psicologia - Unievangélica, Goiás, p. 1-23, 1 mar. 2023. Disponível em: https://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/20699. Acesso em: 4 maio 2024.

CARVALHO, Matheus. "Chico" volta a crescer no Spotify após término de Luísa Sonza; veja os números!. **Portal PopLine**, [*S. l.*], p. 1, 21 set. 2023. Disponível em: https://portalpopline.com.br/chico-volta-crescer-spotify-termino-luisa-sonza-numeros/. Acesso em: 23 nov. 2024.

CETRONE, Camila. Clipe de Luísa Sonza: por que algumas mulheres se incomodam com 'Campo de Morango'?. **Revista Marie Claire**, São Paulo, 17 ago. 2023. Cultura, p. 1. Disponível em: https://revistamarieclaire.globo.com/cultura/noticia/2023/08/luisa-sonza-campo-de-morango-clipe-estupro-violencia-sexual.ghtml. Acesso em: 4 dez. 2024.

CICCONE, Madonna. **Human Nature**. Sire Records, 1994. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XPL_qGqSJxA. Acesso em: 31 ago. 2024.

COLUNA SPLASH. ‘Só para calar a boca da galera’, diz Sonza sobre ‘fase vestida’ em shows. **Uol**, São Paulo, 06 jun. 2022. Coluna Splash, p. 1. Disponível em: https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/06/06/so-para-calar-a-boca-da-galera-diz-sonza-sobre-fase-vestida-em-shows.htm. Acesso em: 4 jul. 2024.

COLUNA SPLASH. Luísa Sonza diz que conceito de ‘Doce 22‘ foi compreendido pelos fãs. **Uol**, São Paulo, 19 jul. 2021. Coluna Splash, p. 1. Disponível em: https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/07/19/luisa-sonza-diz-que-conceito-de-doce-22-foi-compreendido-pelos-fas.htm. Acesso em: 13 jul. 2024.

Costa, Gal. **Folhetim**. Compositor: Chico Buarque. Philips, 1978. Vinil.

DALLA VECCHIA, Leonam Casagrande. **The Carters: performances, roteiros e dramas de um casal em crise**. *In*: SOARES, Thiago; LINS, Mariana; MANGABEIRA, Alan. Divas pop: O corpo-som das cantoras na cultura midiática. Belo Horizonte: PPGCOM, 2020. cap. 10, p. 201-220. Disponível em: https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/divas-pop/. Acesso em: 6 abr. 2024.

ELIAS, Isabella de Souza Copetti. **Discurso de ódio contra mulheres: estudo sobre a cultura do cancelamento proferido nas mídias sociais e análise de caso**. 102 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2023. Disponível em: http://repositorio.unesc.net/handle/1/10083. Acesso em: 04 mai. 2024.

ESCÂNDALO Íntimo - O Filme. Youtube: Fraga Studio, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HVdHZhMaEUM. Acesso em: 17 fev. 2025.

FRANCISCO, Vitor. Luísa Sonza lança clipe de “Braba” e fala ao Papelpop: “A boa menina não é mais tão boa assim”. **Papel Pop**, [*S. l.*], 18 mar. 2020. Música. Disponível em: https://www.papelpop.com/2020/03/a-boa-menina-nao-e-mais-tao-boa-assim-luisa-sonza-conversa-com-pp-sobre-braba-confira-o-clipe/. Acesso em: 29 abr. 2024.

GUTMANN, Juliana Freire. Quadros narrativos pautados pela mídia: framing como segundo nível do agenda- setting?. **Contemporanea**, Bahia, v. 4, ed. 1, p. 25-50, 2006. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3481/2538. Acesso em: 4 jan. 2024.

JUNIOR, Jeder Silveira Janotti. **Deambulações e Prescrições em Torno dos Regimes de Escuta Conexa**. Intercom: 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, p. 01-10, 4 out. 2021. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt6-me/jeder-silveira-janotti-junior.pdf. Acesso em: 26 abr. 2024.

LIMA, Chirlei Dutra; SANCHES, Nanci Patrícia Lima. **A construção do eu feminino na música popular brasileira**. Caderno Espaço Feminino, v. 21, n. 1, p. 181-205, 2009. Disponível em: https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020/05042010-114101a-construco-do-eu-feminino-na-musica-popular-brasileira.pdf. Acesso em 21 mai. 2024.

LÓPEZ, Alberto. Clarice Lispector, a escritora inqualificável no estilo e na forma. **El País**, Brasil, 10 dez. 2018. Literatura Brasileira, p. 1. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/10/cultura/1544426497_594113.html. Acesso em: 24 jul. 2024.

MARQUES, Ana Flávia. Hipersexualização? Luisa Sonza rebate críticas após performance. **O Povo**, 9 fev. 2022. Vida&Arte, p. 1. Disponível em: https://www.opovo.com.br/vidaearte/2022/02/09/hipersexualizacao-luisa-sonza-rebate-criticas-apos-performance.html. Acesso em: 8 out. 2024.

MOZDZENSKI, L. Quem ama o fake, legítimo lhe parece: Divas pop e a (des)construção da noção de autenticidade. **Revista Eco-Pós**, *[S. l.]*, v. 19, n. 3, p. 139–160, 2016. DOI: 10.29146/eco-pos.v19i3.3706. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/3706. Acesso em: 4 jul. 2024.

MOZDZENSKI, Leonardo. Feministas x Stupid Girls: a construção midiática da identidade feminina na cultura pop. In: SÁ, Simone Pereira; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogerio (org.). Cultura pop. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015. p. 74-92.

MUTA, Juliano. Em entrevista à youtuber, Luísa Sonza admite pela primeira vez racismo com advogada. **Folha de Pernambuco**, 3 nov. 2023. Celebridades, p. 1. Disponível em: https://www.folhape.com.br/cultura/em-entrevista-a-youtuber-luisa-sonza-admite-pela-primeira-racismo-com/299815/. Acesso em: 23 nov. 2024.

PASIN, Lucas. Globo desiste de exibir entrevista com Sonza no Fantástico; veja bastidores. **Uol**, 14 dez. 2023. Coluna Splash, p. 1. Disponível em: https://www.uol.com.br/splash/colunas/lucas-pasin/2023/12/14/globo-desiste-de-exibir-entrevista-com-sonza-no-fantastico-veja-bastidores.htm. Acesso em: 23 nov. 2024.

PEDRO, Gabrielle. De traição a ameaças: entenda a briga de Whindersson e Luisa Sonza: O R7 separou oito tópicos essenciais para você entender a briga que rolou entre o ex-casal nas redes sociais nesta segunda-feira. **R7**, 11 maio 2021. Disponível em: https://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/de-traicao-a-ameacas-entenda-a-briga-de-whindersson-e-luisa-sonza-11052021/. Acesso em: 18 mai. 2024.

PORTAL DA FOLHA DE PERNAMBUCO. Luísa Sonza lança "Campo de Morango", primeiro single do seu novo disco, nesta terça (15). **Folha de Pernambuco**, [*S. l.*], 14 ago. 2023. Música, p. 1. Disponível em: https://www.folhape.com.br/cultura/luisa-sonza-lanca-campo-de-morango-primeiro-single-do-seu-novo/286063/. Acesso em: 9 set. 2024.

REDAÇÃO POPLINE. Luísa Sonza comemora um ano do lançamento de “Pandora”: “um sonho realizado”. **Portal PopLine**, [*S. l.*], 14 jun. 2020. Disponível em: https://portalpopline.com.br/luisa-sonza-comemora-um-ano-do-lancamento-de-pandora-um-sonho-realizado/. Acesso em: 31 ago. 2024.

REDAÇÃO ROLLING STONE BRASIL.: Luísa Sonza relembra trajetória e celebra conquistas de Doce 22: ‘Estou em um momento muito de gratidão‘. **Rolling Stone Brasil**, 27 out. 2021. Disponível em: https://rollingstone.com.br/musica/luisa-sonza-relembra-trajetoria-e-celebra-conquistas-de-doce-22-estou-em-um-momento-muito-de-gratidao-entrevista/#google_vignette. Acesso em: 31 ago. 2024.

REVISTA MARIE CLAIRE. Luísa Sonza sofre ataques após falar sobre ‘artistas genéricos‘: ‘Se acha‘. **Revista Marie Claire**, São Paulo, 5 jun. 2024. Celebridades, p. 1. Disponível em: https://revistamarieclaire.globo.com/celebridades/noticia/2024/06/luisa-sonza-sofre-ataques-apos-falar-sobre-artistas-genericos-se-acha.ghtml. Acesso em: 4 dez. 2024.

SE EU Fosse Luísa Sonza: Netflix, 2023. Disponível em: https://www.netflix.com/br/title/81645036. Acesso em: 4 jan. 2024.

SIBILIA, Paula. **Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível.** Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos. Vol. 17, n. 3, p. 353-364, set-dez/2015. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2015.173.09. Acesso em: 21 mai. 2024.

SIBILIA, Paula. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.

SILVA JÚNIOR, J. da; SILVA, F. V. da . **Joga pedra e cancela a Geni: a constituição do dispositivo de suplício midiático em linchamentos de mulheres famosas**. Revista da ABRALIN, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–18, 2021. DOI: 10.25189/rabralin.v20i2.1855. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1855. Acesso em: 4 mai. 2024.

SOARES, Thiago. **Performance e capital especulativo na música pop**. Logos, *[S. l.]*, v. 29, n. 1, 2023. DOI: 10.12957/logos.2022.70919. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/70919. Acesso em: 3 jul. 2024.

SOARES, T.; PEREIRA, L. M. Performance e linchamento midiático na música pop. Culturas Midiáticas, *[S. l.]*, v. 20, p. 24–40, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/67427. Acesso em: 24 abr. 2024.

SONZA, Luísa. **Campo de morango**. Sony Music Entertainment, 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4ND1DK3Ankc. Acesso em: 4 dez. 2024.

SONZA, Luísa. **Chico**. Sony Music Entertainment, 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JQgH5RiGAeg&pp=0gcJCdgAo7VqN5tD. Acesso em: 4 dez. 2024.

SONZA, Luísa. **Como pode eu entrar no Twitter ver os comentários e ter a imediata vontade de morrer, parabéns pelo talento de vcs galera :)**. 2022. X: @luisasonza. Disponível em: https://x.com/luisasonza/status/1605661975945568258. Acesso em: 4 mai. 2024.

SONZA, Luísa. **INTERE$$EIRA**. Universal Music Group, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5js-3DnNvFw. Acesso em: 13 jul. 2024.

SONZA, Luísa. **Oq eu passo é pouco perto do que TODAS NÓS passamos. N sou EU a vítima. Somos TODAS nós. Eu tô louca por isso[...]**. 2020. X: @luisasonza. Disponível em: https://x.com/luisasonza/status/1258421056534175744. Acesso em: 4 mai. 2024.

SONZA, Luísa. **Penhasco.**. Universal Music Group, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=o5Sg1dIaHCU. Acesso em: 13 jul. 2024.

SONZA, Luísa. **VIP *-***. Universal Music Group, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=q3GGHjpWLcI. Acesso em: 13 jul. 2024.

SPEARS, Britney. **The woman in me**. 1. ed. Estados Unidos: Gallery Books, 2023. 277 p. v. 1.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório:** Performance e memória cultural das Américas. Belo Horizonte: UFMG, 2013. p. 27. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7989062/mod_resource/content/1/TAYLOR%2C%20Diana.%20O%20Arquivo%20e%20o%20Repert%C3%B3rio_recorte.pdf. Acesso em: 26 abr. 2024.

TORRES, Leonardo. A evolução de Luísa Sonza como artista pop: “sou todas as Luísas que eu quiser ser”. **Papel Pop**. 2019. Disponível em: https://portalpopline.com.br/a-evolucao-de-luisa-sonza-como-artista-pop-sou-todas-as-luisas-que-eu-quiser-ser/. Acesso em: 23 abr. 2024.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. São Paulo: Ubu, 2018. 1-62 p.